

CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 03-2015 – Julho-

Setembro-2015

Editorial



VII Jornada Nacional Integrada de Ações de Folclore - 28 a 31 de julho
Preparação para o XVI Congresso Brasileiro de Folclore
Patrocínio Prefeitura Municipal de Aracaju - Fundação Municipal de Cultura de Aracaju

Notícias & Comentários

Por onde andamos

❖ 12 de fevereiro

Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”.

Mesa de conversa referente à visita do terno de Moçambique de Justinópolis à cidade de Maputo [ex Lourenço Marques] e adjacências em Moçambique – África.



Coordenou a mesa Juliana Aparecida Correa Garcia, secretária da Comissão Mineira de Folclore.

❖ 18 a 24 de maio

Semana de Museus em Vespasiano

A Comissão Mineira de Folclore participou da Semana de Museus na cidade de Vespasiano em duas oportunidades. Na primeira, no dia 18 de maio, houve encontro com alunos voluntários das escolas superiores locais para favorecer a compreensão do Museu de Folclore “Saul Alves Martins”. Esse museu da Comissão Mineira de Folclore encontra-se na cidade de Vespasiano por força de convênio celebrado entre a Prefeitura Municipal e a Comissão Mineira de Folclore desde o início dos anos 90 do século passado. Na oportunidade de encontro com os alunos foi distribuído o catálogo das obras e examinado o sentido do acervo.

Na segunda, dia 22 de maio, dentro da programação “Seminários e Palestras”, José Moreira de Souza conversou com os presentes a respeito do saber viver e suas condições centradas em Vespasiano. A conversa girou em torno da formação do espaço de Vespasiano, o conflito entre antigas elites agrárias e a consolidação da cidade como centro comercial e de serviços, os processos de periferização do município a partir da Vila Esportiva / Santa Clara nos anos sessenta, os conjuntos habitacionais “Morro Alto” e “Caeira” nos anos oitenta, a identidade quase perdida de povoações antigas como Bernardo de Souza, Angicos, Cipriano. Os

clubes e a separação por classes e origem: Funil e Vespasiano. O Carnaval, o Boi da Manta e as folias de reis. Relações de rivalidade entre Vespasiano e Lagoa Santa. A nova industrialização e a perda de importância local.



Em seguida, Ramon Vieira, do IEPHA discorreu sobre “Museu e Patrimônio na Sociedade Contemporânea” oportunidade em que destacou a ampliação do conceito tradicional de Museu a qual faz coincidir com bens tombados ou dignos de preservação.

Por último, na agenda de palestras, nosso companheiro de Comissão Mineira, Daniel de Lima Magalhães, discorreu sobre seus estudos e vivências sobre as “flautas tradicionais”. Daniel animou sua conversa com sua experiência de domínio dessas flautas, mostrando sua presença da antiguidade aos nossos dias. Dessa conversa merece ainda destaque para a criação de um mapa da presença dessas flautas de acordo com o saber confeccionar e desenvolver o conhecimento das tonalidades, o saber criar, manusear e tocar; e o saber a oportunidade de se manifestar nos espaços urbanos – entendidos como os lugares e os rituais que determinam os encontros.

A noite se encerrou com uma bela apresentação de Folias de Reis e manifestações musicais dos moradores locais, os guardiões da tradição e conversas sobre os desafios de permanência dessas tradições.

❖ 27 de maio

Conversa com os servidores do no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”.

Visita à exposição “Cultura Popular e Resistência” de que a Comissão Mineira é curadora.

Nesse dia a Comissão Mineira de Folclore foi convidada pelo gerente do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado” para uma conversa com

Notícias & Comentários



toda a equipe a respeito da parceria estabelecida e informal com a Comissão Mineira de Folclore. Mais uma vez chamou-se atenção para o saber viver e suas

condições, a centralidade a ser confirmada pela instituição, sua relação com os centros culturais de Belo Horizonte e a contribuição oferecida pela Comissão Mineira de Folclore. Em seguida, os presentes puderam conversar sobre a estrutura narrativa da Exposição que inaugurou o Centro de Referência, em que se destacou a intenção de solicitar dos visitantes o esforço de compreender o que é saber viver em Belo Horizonte como cidade síntese de “Minas Gerais”

❖ 23 de julho

Abertura da Exposição de Lira Marques no CAP

Com a presença do senhor secretário de Estado de Cultura, Ângelo Oswaldo, do senhor secretário adjunto de Cultura, Bernardo Mata Machado, do senhor diretor do Centro de Artes Populares CEMIG e de demais autoridades, foi inaugurada a exposição de pinturas da artista e membro da Comissão Mineira de Folclore, Lira Marques, uma menina de Araçuaí.

Inicialmente, os presentes puderam apreciar um vídeo sucinto das obras dessa artista do Vale do Jequitinhonha. Nesse vídeo destaca-se como a artista do barro e da cerâmica se

fixou nas representações pictóricas expostas no ambiente a ser visitado. A arte e os sonhos sintetizam o que se pode contemplar



na sala especial. Lira chama a atenção para cobras, a ciência das cobras, a conversa com cobras – sonhos recorrentes. Após a abertura, os presentes se deliciaram com cânticos acompanhados de violão da dupla Frei Chico & Lira. E a direção do Centro de Artes Populares brindou a todos com um delicioso “café com prosa”.

Nessa oportunidade, os visitantes puderam percorrer o belo espaço do Centro de Artes Populares e meditar sobre algumas obras do acervo do Museu de Folclore Saul Martins da Comissão Mineira de Folclore. Embora nossas peças tenham sido cedidas pela Prefeitura Municipal de Vespasiano

para esse espaço sem consulta e anuência da Comissão Mineira de Folclore, há que reconhecer o valor que elas conferem ao local em que se encontram atualmente.

A exposição das obras de Lira Marques no Centro de Artes Populares CEMIG se completa com um percurso quase obrigatório ao Centro de Referência da Cultura Popular “Lagoa do Nado”. Naquele espaço estão expostas obras doadas à Comissão Mineira de Folclore que pertencem ao acervo do Museu de Folclore “Saul Martins” e que exibem as artes em cerâmica. Desses, a mais querida pela criadora se chama “Araçuaí” e que nós denominamos a “Pieta da Lira”.

No museu “Saul Martins” existe outra criação de Lira que não foi escolhida para exposição na Lagoa do Nado e que retrata um gavião devorando sua presa. Esta peça não foi selecionada porque os visitantes poderiam interpretá-la como o “galo devorando a raposa”. Nesse caso, a conversa seria desfocada para as disputas entre torcidas organizadas, assunto muito procedente nesses dias em que as torcidas organizadas ocupam as ruas revindicando suas razões.

Lira tem sido uma grande embaixadora da Comissão Mineira de Folclore. Foi pelo destaque conferido a ela que chegamos ao espaço emblemático do campus da UFMG na oportunidade em que ela foi homenageada como mestra para os estudiosos da Escola de Belas Artes. Foi ela também que se mostrou plena na cidade do Rio de Janeiro em exposição exclusiva preparada pela folclorista Lélia Coelho Frota. Lira também está presente nas iluminuras dos verbetes do *Dicionário da Religiosidade Popular* de Frei Chico. Dois nomes que honram a Comissão Mineira de Folclore.

❖ 25 de julho

Assembleia Geral Extraordinária – presença de Lira – Despedida de Marcus Vinícius Martins Costa

Após a abertura da exposição no Centro de Artes Populares CEMIG, Lira compareceu à Segunda Assembleia Geral Extraordinária da Comissão Mineira de Folclore para comentar o momento de nosso congraçamento.

Também compareceu a essa sessão o mais constante colaborador da Comissão Mineira de Folclore, o administrador público e advogado Marcus Vinícius Martins Costa.

Marcus estava de partida para os Estados Unidos em cujo país escolheu a Universidade de Chicago para cursar Mestrado, com foco em Regularização Fundiária. Há que destacar o heroísmo desse menino. Marcus cursou Administração Pública na Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e também Direito na Faculdade de Direito da UFMG. Colaborou como voluntário na elaboração de relatório que resultou na atualização e análise da Série Histórica da RMBH – 1972 -2002. Seu empenho nessa atividade foi tão importante que a senhora secretária adjunta de

Notícias & Comentários

Desenvolvimento Urbano do Governo de Minas Gerais, Maria Coeli Simões Pires, o escolheu para sempre estar a seu lado. Elevada a Secretaria da Casa Civil e Assuntos Institucionais, no governo passado, Coeli incluiu novamente Marcus Vinícius em sua equipe. Decidido a aprofundar seus estudos, Marcus enviou currículo e preencheu formulários exigidos para algumas Universidades Americanas. Foi selecionado pela maioria delas. É este o menino que se despede provisoriamente da Comissão Mineira de Folclore.



Na monografia de conclusão de curso, Marcus colocou como epígrafe os seguintes versos entoados pelo catopê de Pinhões:

*Eu pisei na pedra,
A pedra embalançou,
Mundo tava virano,
Agora endereitou.*

O objetivo da Assembleia Extraordinária era preparar para a VII Jornada Nacional Integrada de ações de Folclore que se realizou a partir do dia 28 de julho na cidade de Aracaju, Sergipe.

❖ 30 julho

Daniel e a oficina de Flautas no 32º Festivale

Nosso companheiro Daniel de Lima Magalhães animou as salas, ruas e praças da cidade de Salto da Divisa na oportunidade de Celebração do Trigésimo Segundo Festivale. O Festivale se desenvolveu dos dias 26 de julho a 2 de agosto e contou com a presença do Senhor Ministro da Cultura, Juca Ferreira e do senhor Secretário Adjunto, Bernardo Mata



Machado além de prefeitos de toda a região.

A reunião de abertura, como já foi noticiado neste Carranca em edição anterior aconteceu no dia 26 de julho com a presença do senhor Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais, Ângelo Oswaldo e demais autoridades.

❖ 28 a 31 de julho

VII Jornada Nacional Integrada de Ações de Folclore Aracaju: Cores Cantos e Mitos – Sergipe

Reuniram-se na cidade de Aracaju com programação patrocinada pela Prefeitura Municipal a VII Jornada Nacional Integrada de Ações de Folclore. A senhora presidente da Comissão Sergipana de Folclore, Aglaé d' Ávila Fontes, preparou uma recepção de alto nível a todos os visitantes que representaram 13 das Comissões Estaduais de Folclore, sob coordenação do senhor Presidente, Severino Vicente.

A programação se desenvolveu em três frentes: manhãs e tardes dedicadas aos estudiosos de folclore do estado de Sergipe com palestras proferidas pelos membros das Comissões Estaduais de Folclore; fins de tarde destinados a apresentações de grupos folclóricos do estado de Sergipe; e noites de reuniões dos membros das comissões estaduais para preparar o XVII Congresso Brasileiro de Folclore que acontecerá em Belo Horizonte.



As palestras se desdobraram em duas frentes. Na parte da manhã, realizaram-se palestras estruturantes, nas quais foram abordados temas de maior interesse para discussão nas comissões. Na parte da tarde, palestras em grupos divididos em A e B, para oferecer oportunidade a todos os convidados conversarem sobre assuntos de seu domínio.

Inscreveram-se mais de cento e cinquenta estudiosos para participarem da conversa e compareceram representações dos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Notícias & Comentários

Foi oportunidade ímpar de congraçamento no qual todas as comissões se uniram para apoiar o XVII Congresso Brasileiro de Folclore e se maravilharam com a exposição entusiasmada do saber do outro. Com efeito, como sublinhou Luís Rodolpho Vilhena em *Projeto e Missão*, o folclorista é “movido a paixão”. Eu sublinharia: “movido a compaixão”. Não se apaixona pelo “objeto”, mas pelas pessoas que, curiosamente, detêm um saber admirável. Isto ficou mais do que claro nas palestras de todos os visitantes e residentes. É o povo da cultura e não a cultura do povo que nos chama a atenção.



Entre as inúmeras cenas emocionantes merece destaque o empenho de José Fernando de Souza e Silva membro da Comissão Pernambucana de Folclore de fazer a entrega de documentos sistematizados pelo saudoso Roberto Benjamim à Fundação Cultural de Aracaju / Centro Cultural de Aracaju / Comissão Sergipana de Folclore, com cópia do mesmo acervo para o Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Sergipe. O cuidado que José Fernando tem dedicado ao acervo do professor Roberto Benjamin é exemplo para políticas de preservação do patrimônio chamado “imaterial”. Compre destacar ainda que a Fundação Municipal de Cultura de Aracaju arcou com as despesas locais do evento ao qual compareceu o Senhor Prefeito Municipal, João Alves Filho e seu secretariado, cabendo com prazer as despesas de deslocamento até a cidade a cada um dos membros participantes. Vale insistir que as Comissões de Folclore são Mecenas e portadoras de mensagem das agruras do povo da cultura para as políticas de Cultura.

❖ 19 agosto

Conversa com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis.

A Comissão Mineira de Folclore se reuniu com o capitão Dirceu da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e presidente do Cetro – Centro de Tradições do Rosário / Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário – na

sede dessa irmandade no bairro Labanca, distrito de Justinópolis, Ribeirão das Neves.

A conversa teve como foco compreender as atividades das Irmandades e a parceria com a Comissão Mineira de Folclore, bem como a situação do Cetro enquanto instituição que articula as diferentes irmandades no território mineiro.



Uma das questões tem a ver com o apoio do poder público para políticas de cultura sem atropelar o que é o “fundamento” dessas irmandades. A outra tem a ver com a institucionalização dessas organizações que geram dívidas para com o Estado muito mais do que dádivas desse. Ao se aprisionarem num CNPJ as instituições da assim chamada “Sociedade Civil Organizada”, assumem dívidas para com o fisco e se emaranham em dédalos sem saída. Este. Segundo relato, foi o caso da Federação dos Congados, cuja dívida para com o fisco alcançou a monte de quase R\$ 70.000,00 – por extenso: setenta mil reais -. Em caso como este há que cantar: “Trabaia, trabaia, nego!”

Em meio à conversa enfatizamos a importância de participação ativa em conferências de cultura e de audiências públicas nas instâncias do legislativo visando a extinção desse aprisionamento de organizações desse tipo que, muito mais do que favorecidas são primeiramente aprisionadas.

Acontecendo

❖ 49ª Semana Mineira de Folclore

Iniciou-se no dia 20 com grande pompa no Cine Theatro Brasil a Abertura da 49ª Semana Mineira de Folclore. Dois acontecimentos marcaram a noite.

A exibição ímpar de nosso companheiro Carlos Augusto Farias e o lançamento da obra *O mandonismo mágico do sertão* de autoria de Luís Carlos Mendes Santiago. Foi uma noite de glória, prenda de nosso também companheiro, Luiz Fernando Vieira Trópia.

Notícias & Comentários

Carlos animou a noite com canções aprendidas na convivência com sua mãe, - presente com 95 anos e toda a energia -, vizinhos, parentes, amigos e a vida vivida com entusiasmo.



Luiz Trópia sublinhou o empenho de Farias e sua família na promoção do evento, todo o cenário ficou a cargo dele, da esposa e dos filhos. Farias foi acompanhado na percussão pelo exímio Aender Reis – haja adjetivos para expressar nossa admiração e gratidão. Tudo isto feito graciosamente, apenas como reconhecimento da importância do movimento em favor do povo da cultura.

Durante todo o evento, o nome do Luís Santiago foi lembrado e celebrado. Ao final, os presentes se deliciaram com aquisição dos CDs de Carlos Farias, e foram premiados com autógrafos da obra de Luís Santiago.

Estiveram presentes os seguintes membros da Comissão Mineira de Folclore: Domingos Diniz, Antônio de Paiva Moura, Edméia da Conceição de Faria Oliveira, Frei Leonardo Lucas Pereira, Rubinho do Vale, José Moreira de Souza, além dos celebrados, Carlos Farias, Luiz Trópia e Luís Carlos Mendes Santiago.

❖ 22 de agosto

Apresentação Grupo Sarandeiros

Local: Teatro Santo Agostinho

Horas: 20:30



No dia 22 de agosto, o Grupo Sarandeiros completa 35 anos de atividades junto a UFMG valorizando as tradições brasileiras através da tradução cênica de manifestações da cultura brasileira. A Comissão Mineira de Folclore parabeniza a todos com um abraço especial ao professor doutor Gustavo Pereira Cortez, nosso companheiro e representante da Comissão na UFMG.

Vai Acontecer

❖ 7 de setembro

Lançamento de *A voz dos tambores: uma história dos Ciriacos – Contagem/MG*

A Voz dos Tambores: uma história dos Ciriacos – Contagem/MG, livro patrocinado pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, conta a trajetória da Irmandade do Rosário - Os Ciriacos, uma história de sessenta anos de fé, resistência e luta. História que começou com Ciriaco Celestino Muniz e teve continuidade com seu filho Antonio Jorge Muniz, capitão-mor da irmandade, que junto com mais de cem integrantes, irmãos do rosário, mantém viva a tradição do Reinado.

Abordamos neste trabalho a origem da irmandade com a Guarda de Moçambique comandada por Ciriaco Celestino e a participação das mulheres na criação da Guarda de Congo. Além de uma descrição geral da hierarquia do Reinado, com seus cargos e funções; e das festividades que fazem parte do calendário da irmandade, assim como o Candombe, ritual introduzido em 2014. Mostramos ainda a participação e o envolvimento de jovens e crianças na preservação dessa herança cultural.

Essa publicação trouxe impactos positivos para a irmandade, pois possibilitou a reflexão sobre sua história, principalmente pelos jovens e crianças, que são os responsáveis pela continuidade do Reinado. Além disso, um projeto de memória como esse, certamente contribui para o

fortalecimento dos marcos identitários e de pertencimento desses sujeitos.

O livro é uma realização da Irmandade do Rosário – Os Ciriacos e foi organizado por Adebal de Andrade Júnior e Carolina Dellamore. Participaram dessa publicação: Ana Rita Andrade, Debora Raíza, Ellen Alves, Guilardo Veloso, Isabela Oliveira, Jotaerre Silva, Kelly Rabello, Mário Fabiano, Maurício Tizumba, Tarcísio do Nascimento Galdino e Thiago Bruss.

O lançamento será dia 07 de setembro de 2015, a partir das 13h, na sede da Irmandade, na rua Balneário, 240, bairro Ressaca, Contagem/MG; quando também ocorrerá

Notícias & Comentários

a coroação dos reis de ano da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

❖ 8 de outubro

Sessão Magna de Comemoração do aniversário da Academia de Letras “João Guimarães Rosa” – Vinte anos.

Nessa data, o presidente de honra da Comissão Mineira de Folclore, professor Domingos Diniz será agraciado com a “Medalha Cultura ‘Acadêmico Saul Alves Martins’”.

Local: Salão Rubi do Clube dos Oficiais da Polícia Militar de Minas Gerais.

Horas: 20:00

Conversas sobre Abolição.

No dia 12 de maio, nosso companheiro, jornalista Carlos Felipe Horta, iniciou uma conversa no Face book que rendeu alguns dias com a participação de membros ou não da Comissão Mineira de Folclore de várias parte do Brasil.

A seguir, os comentários. Eliminou-se dessa conversa apartes do tipo “curtir” e palavras de admiração. A conversa se estendeu ao longo de três dias.

➤ 12 de Maio.

Carlos Felipe Horta:

UMA DEMORADA ABOLIÇÃO – Na História, o 13 de maio se fixa muito na figura da Princesa Isabel, que estava na regência do País pois seu pai, Pedro II, encontrava-se em viagem pela Europa. A assinatura da Lei Áurea, com uma pena de ouro mandada fazer para a ocasião, fez da princesa uma santa, como se canta num verso popular: “Santa Isabel é uma santa milagrosa, libertou a escravidão, por se muito poderosa”. A estes versos acrescentam-se outros: “Treze de maio é um dia muito bonito. A congada se reúne pra festejar São Benedito, ai ai.” Esta segunda quadra, ao colocar um santo negro logo depois da “santa branca” faz lembrar que muitos negros tiveram participação fundamental para a Abolição. E não foram somente os que fugiam para os quilombos. Quando o 13 de maio chegou era o coroamento de uma luta iniciada em 1850 quando, através da Lei Eusébio de Queiroz, proibindo o comércio de escravos para o Brasil. Uma lei não muito seguida, mas que possibilitou (já naquele tempo), interferência da Marinha Inglesa na apreensão de navios negreiros brasileiros. Pouco a pouco, porém, um sentimento contra o comércio se tornou maior, a ponto de, no Ceará, num determinado instante, os jangadeiros decidiram não mais carregar escravos dos navios para as praias. A luta continuava e, em 1871, veio a famosa Lei do Ventre Livre, conceden-

Conversas sobre Abolição.

do liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir de então, mas dando uma “derrapada à brasileira”, qual seja: os filhos “libertos” ficavam sob a tutela de seus senhores até os 21 anos. Quer dizer, permaneciam sob o poder dos donos. O terceiro grande passo veio em 1885, com a Lei Saraiva-Cotegipe, a Lei dos Sexagenários, libertando todos os escravos com mais de 60 anos, produzindo outra tragédia social, com muitos escravos velhos perdendo o lugar em que moravam. Mesmo com as ressalvas aqui assinaladas, o fato é que, ao chegar o 13 de maio de 1888, mais de 80% dos negros brasileiros já não eram, oficialmente, escravos. E vários deles já ocupavam postos e espaços importantes que lhes permitiram estar na linha de frente do abolicionismo como André Rebouças, Francisco de Paula Brito, Luiz Gama e José do Patrocínio, o mais extremado de todos. Um dos lançadores do Manifesto da Confederação Abolicionista e fundador da Sociedade Brasileira contra a Escravidão, Patrocínio recebeu o título de “O Tribuno da Abolição” e se tornou o nome ideal para muitas entidades que agregavam afrodescendentes brasileiros após 1888, um deles em Belo Horizonte. O 13 de maio deveria servir para lembrar estes e outros nomes que lutaram muito em prol do abolicionismo.

Wilson Lara Rocha

Como sempre uma bela lição!

José Moreira de Souza

Carlos Felipe Horta, nós todos estamos devendo uma roda de conversa sobre essa questão da Escravidão e o emblemático Treze de Maio, data importante para a Família Imperial. Várias vezes sublinhei um ponto de preto velho: “No dia 13 de maio/ É que houve alegria e verdade/ O dia treze de maio, meu pai/ Foi o dia da liberdade”. Eu gosto desta canção. Ela me toca por insistir numa contradição. Já conversamos outra vez sobre assunto parecido e penso que uma conversa de “folcloristas” seria muito útil para a Academia. Situar a Abolição em sua época, considerando as pessoas que têm a batata quente nas mãos e contemplar as “revisões históricas” promovidas por movimentos críticos e acríticos. Tomar por exemplo, de um lado, as obras de ficção e de outro, as de fundamentação. Todas escritas no calor da batalha. Tenho duas de minha preferência, de que já falei em outra oportunidade: de um lado, “As vítimas-algozes: quadros da escravidão” escrito por Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1869; de outro “Cartas a favor da Escravidão” de José de Alencar publicadas em jornais praticamente no mesmo período. Joaquim Manuel de Macedo apresenta três casos em que a escravidão se mostra perversa para a sociedade especialmente para os donos de escravos. [Curiosamente, os rituais negros narrados por ele predominantes no Rio de Janeiro levam o nome de Candombe e não de candomblé.] Embora a obra seja de ficção, o autor faz um estudo intencional de expor para

Notícias & Comentários

cada caso o tipo ideal de uma ordem perversa. Em todos os casos, o problema recai sobre o escravo doméstico. O negro adotado, mas escravo, a mucama preparada em escola para ser ama, e o poder sedutor do feiticeiro - o moço do candombe. “Ingenuamente”, Macedo defende: finda a escravidão, extinguem-se as relações perversas. Já José de Alencar é mais pragmático. Os editores que publicaram as Cartas em 2012, temendo os leitores atuais, deram à obra o título de “Cartas a favor”. Eu sublinho este “a favor”. José de Alencar de fato, escreve antes de Durkheim, e considera “os fatos sociais como coisas”. Ele diz que a escravidão não termina com uma Lei, mas com condições sociais que a tornem desnecessária. Hoje, estamos a quanto anos após a Lei? Ainda há muito trabalho escravo, em relatórios e notícias veiculadas na mídia. A regulamentação do trabalho doméstico, a exploração da mão de obra feminina, e muitas outras coisas, são ecos de tudo isto. Um terceiro aspecto tem a ver com aquilo que os documentos não registraram ou que se perdeu. Quando pesquisei arquivos de Diamantina e Serro, me dei conta da ausência de atas das Câmaras de ambas cidades no período de 1860 a 1870, com pequenas exceções. O que houve que tais livros de atas tenham sido “escondidos”? Um boato de revolta de escravos abrangendo Diamantina e Serro. Seria a Inconfidência Escrava. Qual o resultado dessa ausência? Prejudicou profundamente minha análise. Pelo caminho do Folclore, a gente aspira a fumaça: “onde tem fumaça, tem fogo”. Acreditando apenas nos documentos [pior ainda, nem os jornais locais da mesma época foram encontrados]... Haja ciladas para compreender o passado.

Carlos Felipe Horta Sua análise, mais uma vez, vai além da simples informação para entrar no terreno, muito mais amplo, da análise da história, não só através de dados mas, principalmente, pelo que quase poderíamos chamar do “id” da sociedade em determinada época. Li e conheço os textos de Macedo e as Cartas da Liberdade, de José de Alencar, um personagem, aliás, que merece um debate mais amplo por tudo o que escreveu e narrou sobre “os brasileiros” de seu tempo, incluindo a sua cultura popular. Acho os dois magníficos repórteres de seu tempo, e os seus textos podem ser excelentes pontos de partida para uma análise do Segundo Império, momento histórico em que o abolicionismo se desenvolveu. Seu texto merece um amplo estudo e é um grande painel para um debate.

José Moreira de Souza: [Carlos Felipe Horta](#), o que eu penso é nós criarmos uma rotina de encontros como o que iniciamos no “Palmatória & Opinião” quando a gente tiver nossa sede na Praça da Liberdade. Como disse nosso secretário Ângelo Oswaldo, nossa incumbência é a de quebrar um pouco aquela marca do virtual naquele espaço e as pessoas que nos visitarem encontrar “gente” e não apenas “máquinas competentes para interagir. Afinal, o que nós

sabemos é conversar. Você tem uma lista de assuntos de fazer inveja a qualquer um. De um tudo!

Andréia Patrícia Souza Em Justinópolis, na festa da libertação dos escravos (último domingo de maio) canta-se: “Ora viva, Princesa Isabel, se não fosse por ela nossa vida era um fel”. Aí ficamos pensando sobre o que realmente levou a princesa a assinar a lei, coisa que os congadeiros desconhecem.

➤ 13 de maio

Erildo Nascimento de Jesus

José Moreira de Souza. Sabemos da participação ativa do Dom João Antônio dos Santos. Entretanto mesmo no Palácio Arquiepiscopal os documentos são quase nulos.

José Moreira de Souza

Erildo Nascimento de Jesus, eu li alguma coisa ali. Entre elas uma correspondência de Antônio Cândido Mascarenhas sobre o que conseguiu em Taboleiro Grande em atenção ao pedido do bispo. Mas o que achei de mais sério é que tenham sumido os documentos sobre uma pretensa rebeleião muito bem articulada de escravos de Diamantina e Serro. Ficou a impressão de que foi mais imaginação da elite do que realidade. Intrigou-me o silêncio da imprensa em anos posteriores e o sumiço das atas e expedientes da Câmara tanto no Serro, quanto em Diamantina. Como eu disse, isto ocorreu nos anos 60 do século XIX.

Erildo Nascimento de Jesus

José Moreira de Souza. Nos últimos tempos duas vezes por ano estou na Bélgica. Amsterdã ganhou o monopólio da comercialização dos diamantes renegociando com Antuérpia para lapidar os piores diamantes. As outras cidades da Holanda e Bélgica (no momento mesma nação) incentivaram e fomentaram o contrabando. Durante quase 100 anos fomos os maiores exportadores de diamantes. As regras como o Sistema de Contrato são claras cobranças pelo cumprimento do pacto. Um detalhe pouco difundido que os quilombos estavam diretamente ligados à exportação internacional contrabandista através dos capangueiros. Estou debruçado nestes estudos ultimamente. A resistência dos escravizados foi imensa e internacional.

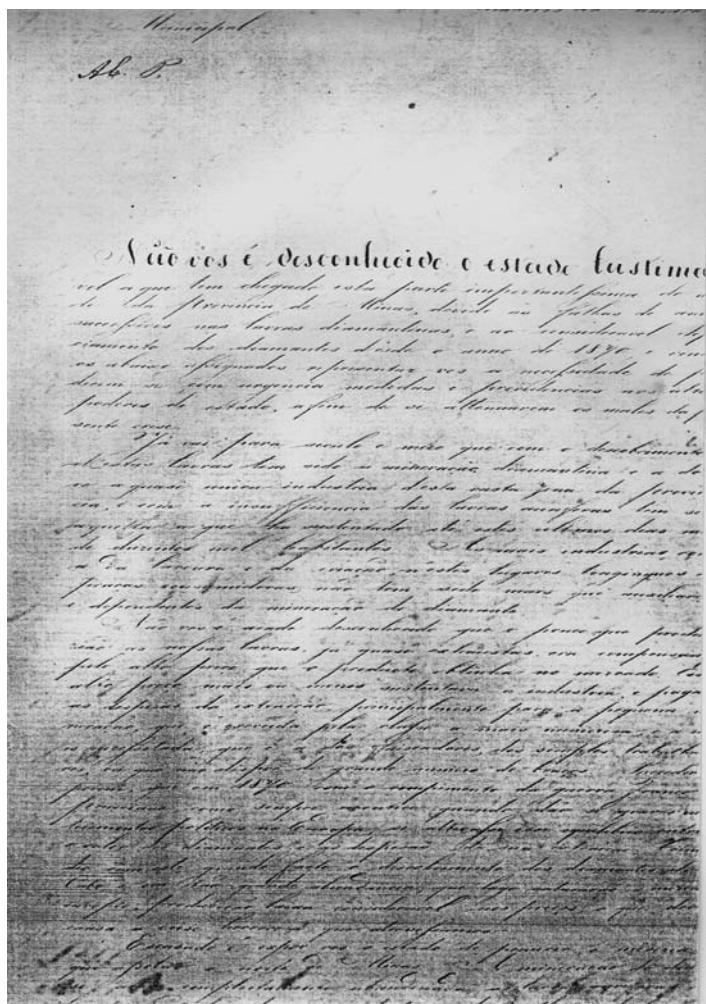
José Moreira de Souza Oportuníssima esta pesquisa. Essa relação entre diamante e lapidação, escravidão e contrabando vai valer a pena. Aí se revelam as famosas “forças ocultas”.

Carlos Felipe Horta Estou com o Moreira. Esta pesquisa, Erildo, é de suma importância pois revela que os quilombos teriam ações pouco conhecidas e que atos de rebeldia existiram em muito maior número do que os registrados pela História.

José Moreira de Souza

Notícias & Comentários

Veja, [Carlos Felipe Horta](#), que coisa mais feia que foi a “Inconfidência escrava do Serro”. Em 1864, alguns escravos liderados por um tal Adão - ótimo nome - começou a se articular no Serro com escravos de Diamantina. Um escravo de nome Vicente - cabra - delatou as articulações e a rebelião foi reprimida pelo delegado do Serro, Jacinto Pereira de Magalhães Castro. Havia também um branco de nome Herculano de Barros em meio à insurreição. Adão foi condenado a 20 anos nas galés e Herculano absolvido por “falta de provas”. A rebelião acontece nos anos que antecedem à crise dos diamantes que levam as elites a se preocuparem com o estabelecimento de indústrias de lapidação - caso vem relato por Aires da Mata Machado - e o início da indústria têxtil da qual Biribiri se torna modelo, após a experiência bem sucedida da fábrica do Cedro dos Mascarenhas - Hoje Cedro e Cachoeira. Abaixo, a página de abertura do manifesto que dá conta dessa crise já nos anos da década de 1870.



Erildo Nascimento de Jesus Sempre associei a impossível sobrevivência de quilombos de agricultura e pecuária na Região de Diamantina. Outro fator atrativo é a presença de tanta citação sobre diamante em vissungos (jambá ou jambe) provando o fascínio das gemas também entre os escravizados. Observando a rotatividade da localização dos

quilombos foi perceptível que assemelhava as atividades garimpeiras diamantíferas de busca de catas novas. Desta forma através dos artigos arquivados por José Teixeira Neves os relatos de pessoas que furtivamente financiavam quilombos. Lógico tratava-se do fino e resistente contrabando internacional. Depois a percepção inclusive de sua existência contemporânea. Imagina grupos de judeus de Amsterdã e Antuérpia ligados a Portugal digladiando com grupos de judeus de outras cidades aliados garimpeiros e quilombos... Ainda dizem que apenas agora vivenciamos globalização.

Carlos Felipe Horta Um tema fantástico para um encontro, Moreira e Erildo. Sem falar na quase desconhecida história do Quilombo Grande, maior, em extensão e demografia, ao Palmares de Zumbi,. Objeto de várias expedições militares (como Palmares), o Quilombo Grande deixou locais que hoje são cidades em Minas e São Paulo. Os membros do quilombo comerciavam com habitantes e vilas próximas e exerceram influência enorme em toda a região do Alto Paranaíba, Sudoeste de Minas e Nordeste de São Paulo.

José Moreira de Souza

Erildo Nascimento de Jesus, neste momento em que a questão étnica assume hegemonia nas políticas públicas de “inclusão” estudar e explicitar as vigências que se estabeleceram em Minas a partir do século XVIII é quase ter que se refugiar num “Quilombo Acadêmico”. Você explicita bem. Nossos quilombos foram fugitivos, itinerantes. - Digo dos quilombos das regiões de Mineração. Eles eram necessários à outra ordem, à estruturação do mercado contra o Estado. Os quilombolas eram sustentados pela ordem urbana, pelos comerciantes, donos das vendas. Além disso, a diferença entre o escravo da mineração e das grandes plantações é imensa. Diamante e ouro podem ser escondidos com facilidade. Como esconder uma saca - umazinha - saca de café? Desse modo o tipo de repressão é também diferente. Não se pode punir todos os escravos na mineração. Há que haver uma punição exemplar para manter o medo na dominação. O mais importante é saber criar a esperança da premiação até a alforria. Desse modo, meu bisavô paterno nascido na década de 1780 não era nem forro. Era livre. Do mesmo modo minha avó materna parda sabia ler e escrever. Meus ancestrais do lado materno não tinham mais memória de escravidão já no século XVIII. Entre nós a categoria “crioulo” é mais importante do que a de preto por nação. Essa memória de África - tem que se dizer a Grande África - tem que ser recuperada pela História. Isto até mesmo nos vissungos e no candombe.

José Moreira de Souza

[Carlos Felipe Horta](#), você está trazendo mais lenha para nossa fogueira. O famoso Quilombo Grande. E você é dessas bandas... Aí você chama à mesa mediúnica nosso

Notícias & Comentários

Waldemar de Almeida Barbosa. Fico pensando, como, daqui a 200 anos, se ainda houver seres neste planeta, as pessoas irão conversar sobre as favelas na cidade. A diversidade do viver no regime escravista em Minas ainda não foi desvendada com olhos no passado. Darci Ribeiro diz da surpresa vivida ao se deparar com um quilombo típico. Esperava encontrar uma África fossilizada e se encontrou com todas as marcas do catolicismo popular...

Carlos Felipe Horta Na cidade em que cresci eu encontrei uma reminiscência do Quilombo Grande, histórias de um “arraial de crioulos que tinha um rei que morava muito longe, muito longe mais longe do que a serra do Rio Grande”. Geograficamente, o espaço central do Quilombo Grande.

José Moreira de Souza Já viu, [Carlos Felipe Horta](#), o sonho do [Antonio De Paiva Moura](#), que nós ensaiamos na Semana de Folclore é o de a gente fazer uma jornada de História Local. Isto no coloca na contra mão da História Acadêmica porque nós sabemos muito bem que “onde tem fumaça, tem fogo”. Lendas oferecem sendas para pesquisas históricas evidenciando informações não documentadas ou documentos perdidos. Essas fontes familiares e de vizinhança são poderosíssimas. Agora estou pensando: se esta nossa conversa estivesse acessível para a turma da História e da Antropologia, que comentários eles trariam...

Carlos Felipe Horta Cada vez mais sinto que, mesmo com as dificuldades de cada um, ainda temos obrigações a cumprir. Uma delas, não morrer com o pouco (e que pode ser muito) que o Grande Senhor nos permitiu saber. É uma das minhas aflições atuais. Provavelmente, você, como Erildo, Moura, Weitzel e todos os companheiros devem viver o mesmo drama. Querer compartilhar, entregar, dar, passar, não como mestres mas como guardadores (oluôs) aquilo que nos foi permitido garimpar (homenagem a você e Erildo, de terras garimpeiras como nós mesmos). Voltando atrás, o Quilombo Grande (ou do Ambrósio, como é chamado também) sempre foi uma motivação de pesquisas para nós e foi uma surpresa encontrar informações sobre a guerra movida contra eles, com tropas saindo de Pitangui e Tamanduá (Itapecerica) para combater os negros que dominavam a Serra da Canastra, ameaçando a Picada de Goiás. Um tema mais do que apaixonante.

José Moreira de Souza Vamos preparar um encontro desses com aquela cara do Ciclo de Debates. Você, [Carlos Felipe Horta](#), que conhece Deus e o Mundo tem tudo para dar consistência a isso. Neste momento estou pensando também no [Luis Santiago](#). O menino conhece Jequitinhonha dos pés à cabeça e muito mais. O Mello de Paracatu também é um bom companheiro. Pena que ele não quer mais sair de Patos de Minas. [Raimundo Nonato Miranda Chaves](#) tem coisas do arco da velha...

Erildo Nascimento de Jesus Trabalhar com este debate é quase impossível. Entre os atendimentos e teleconferências imediatamente “corro o olho” no face. [José Moreira de Souza](#). Tenho minha negritude (reconhecer minha parcela afro é gostar imensamente dela) entretanto jamais deixarei de reconhecer minhas outras origens étnicas. Sempre vou apregoar apesar das pedras que atiram: Sou afro descendente, euro descendente, nativo descendente... Atualmente dizer mulatos e pardos está virando crime. Novamente e prazerosamente serei paraninfo dos formandos de história agora em agosto. Sábado uma das comemorações iniciam-se na minha casa com fogão a lenha, roda de viola, comida mineira, boas caipirinhas e muitos causos sem o empirismo científico. Isto após a apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Cursos. Todos com temas regionais sem descartar a escolha do tema onde muitos foram motivados pela base do “onde tem fumaça, tem fogo”. Daria tudo pela presença de você.

José Moreira de Souza Neste sábado, agora, [Erildo Nascimento de Jesus](#), eu estou cheio de confusão. Mas a gente pode combinar uma roda de conversa, daquelas bem descontraídas, para reunir um grupo aí em Diamantina para levar conversas, de preferência bem informal. Nós estamos pensando em implantar isso como rotina, logo que a Comissão Mineira de Folclore tiver um espaço adequado na Praça da Liberdade. Conversa sem hegemonia. Expressão do “Livre Pensar”. Aqui, nossa proposta, por enquanto, é esta: haveria dias em que quem quisesse visitar o “Centro de Celebração de Minas” encontraria pessoas da Comissão Mineira de Folclore ou simpatizantes, dispostos a conversar. Quem quisesse converter isso em certificado ganharia um papelzinho com declaração e registro no livro adequado. Quem não quisesse ficaria satisfeito com a oportunidade dos encontros. Se a pessoa quiser produzir textos, e que isto conte como avaliação, terá créditos consignados para atividades acadêmicas. Se não quiser terá divulgado a própria produção em alguma roda editorial. Em síntese, permanecemos no fio da navalha entre burocracia e vida social, entre mercado e a rede da dádiva. A arte e o artefato, o útil e o inútil. Para fazer a mesa de câmbio - troca de conversa por créditos acadêmicos pensamos em ter parceria com uma instituição de nível superior devidamente credenciada junto ao MEC. No caso, a UFMG e a UEMG.

Luis Santiago estou às ordens; o problema é q moro há 730 km de BH, em Pedra Azul. mas tenho o maior interesse em participar

José Moreira de Souza Prezado [Luis Santiago](#), na hora certa a distância ficará pequena.

Erildo Nascimento de Jesus Repetindo ditado dos nossos antepassados: “Me dever é pior que dever as almas”. Anotado, registrado, apreciado e aprovado. [Carlos Felipe](#)

Notícias & Comentários

[Horta](#) convocado também apresentar o sarau na beira de um fogão a lenha com os artistas de Diamantina. Logicamente após uma exposição do “Livre Pensar”. Gostei da “mesa de câmbio” acadêmica livre. Sucesso !!!

José Moreira de Souza

[Erildo Nascimento de Jesus](#): Essa história da “mesa de câmbio” surgiu da vivência no Centro de Estudos Mineiros quando ele era parte da Reitoria da UFMG. Fui convidado pelo professor Fernando Correia Dias para elaborar um projeto de estudo sobre a atividade musical na região de Diamantina. Consumi três anos nessa atividade e mantive conversas com o Fernando, o Iglésias, o Washington Albino, e até com Curt Lange. Em dado momento, achei que isto equivalia a um curso de Especialização para meu currículum no Plambel. Entrei com requerimento no Conselho de Extensão. A coisa foi para a coordenação de ensino e pesquisa. Resposta: Pesquisa é pesquisa, especialização é curso. O saber de uma pesquisa não equivale ao blablabla de um curso. [Carlos Felipe Horta](#) sabe bem disso.

[Luis Santiago](#) estava meio atarefado aqui e somente hoje pude ler os textos; acrescento alguns itens ao tema: o mestre Waldemar de Almeida Barbosa já chamava a atenção para a peculiaridade dos quilombos mineradores, pois estes geravam renda e recebiam apoio dos vendeiros (não tinham nenhum interesse de praticar o banditismo); o garimpeiro, ainda q branco, podia ser considerado quilombola, e de fato era, já q vivia em quilombos; o apogeu dos quilombos do Gorutuba (quiçá o maior campo remanescente de quilombola do mundo) está ligado à mineração ilegal de diamantes na adjacente serra do Itacambiruçu, ou Grão Mogol (davam suporte logístico, mas eram estáveis, ao contrário dos quilombos mineradores, q tinham q ter certa modalidade - isso mudou em 1843, devido a mudanças na legislação, data da colonização da região de São João da Chapada, Curralinho, Caeté Mirim e do Quartel do Indaiá, apenas este último propriamente quilombo); qto aos quilombos do Campo Grande, além do volumoso livro de Tarcísio José Martins, menciono um artigo de Carlos Magno (maior autoridade mineira em quilombos até onde sei), “Os cabeças e as cabeças”, saiu na revista Varia Historia, onde fala q os quilombos do Campo Grande contavam com casas específicas para conselhos comunitários, as unidades contavam com reis e rainhas, além de patentes militares; um deles, se bem lembro, tinha duas casas de religião, o q permite pressupor q o cristianismo e as religiões africanas dividiam o espaço; Robério Dias, citado Luiz Viana Filho, em O negro da Bahia, menciona um quilombo no sec XVII, q tinha até um bispo, além de todas as funções próprias da administração colonial portuguesa; assim também os amotinados de 1736, vindos dos sertões do Rio Verde (q incluem forçosamente

o Gorutuba) e tomaram o Brejo do Amparo (vizinho de Januária) e São Romão

[Luis Santiago](#) sobre garimpeiros considerados quilombolas, conferir texto clássico de Laura de Mello e Souza

[Erildo Nascimento de Jesus](#) Em 1739 com o estabelecimento do Sistema de Contrato para mineração diamantífera no Distrito Diamantino fomentou a garimpagem. Garimpeiro que origina de grimpeiro, homens que mineravam furtivamente nas grimpas das serras. Este monopólio oficial para exploração dos diamantes ocasionou um êxodo de mineradores que desceram a Cordilheira do Espinhaço fazendo novas descobertas. Inclusive nos territórios baianos como Lençóis na Bahia. Imaginem que a Nova Lorena descoberta por Isidoro Amorim Pereira, vulgo Isidoro o Mártir, calculamos ser Aricanduva. Aires da Matta Machado sempre denota clara distinção entre garimpeiros e quilombolas.

➤ 14 de maio

José Moreira de Souza

[Luis Santiago](#), você é mesmo um craque que o mundo acadêmico merece conhecer melhor. Eu tive a honra de acompanhar - e também de perder algumas obras que emprestei - sobre o quilombo dos Gurutubanos. Foi e continua sendo realmente uma grande peripécia. Recentemente, acompanhei com prazer outra monografia tendo como tema a “Educação Quilombola” de [Gilmara Souza](#). Curiosamente trata-se de um quilombo criado no ano de 1953 (?). Acompanhei também a elaboração de uma tese de doutorado defendida na UNB sobre o “possível” quilombo do Espinho em Gouveia. Este é um caso bastante interessante. O Espinho se formou por volta de 1790. No ano de 1831, comparece como proprietário um certo Lourenço Ferreira Gomes, preto forro com sua família. Quando do registro exigido pela Lei de Terras, os proprietários do Espinho registraram suas posses, não cabendo mais questões sobre regularização fundiária. Essas famílias ao ingressarem no Mercado de Terras alienaram uma parte e ainda continuam alienando. Com as políticas de criação de quilombo, o Espinho foi lembrado. Visitei as famílias - pessoas belíssimas - e perguntei se achavam que Espinho deveria ser quilombo. Resposta: tem gente que acha que sim. Tem gente que acha que não. Até então - 2006 - eles negavam vínculo com a escravidão. Informaram que mais além teria havido um quilombo, E que eles eram livres, sempre foram porque não reconheciam nenhum Senhor. Apenas Patrão. - Isto é diferente da concepção de Liberdade em Pinhões - Santa Luzia - nesse povoado a concepção de Liberdade reza: ser livre é não ser mandado, é ser parceiro. Pois bem, Espinho entrou na lista de comunidades quilombolas. Mais uma curiosidade. A grande festa local é a de Santa Cruz. Os dançantes são caboclinhos. Em Gouveia há alguns topônimos que lembram

Notícias & Comentários

quilombos. Um com o nome de “Quilombo”, outro com o nome de “Caxambu”, outro com “Cafundó”. Carlos Magno, em suas pesquisas arqueológicas encontrou traços indicadores de quilombo no “Caxambu” e, é claro, nem se referiu ao Espinho. Guardo da memória de meu avô paterno - eu não o conheci, faleceu três anos antes de eu nascer - alguns casos interessantes sobre os quilombolas que vinham a Gouveia. Esses casos exibem um estereótipo de “imbecilização do quilombola”. Eis um deles: O negro veio ao povoado e assistiu a uma missa. Ficou encantado com a comunhão, a distribuição da hóstia consagrada. Levou o ritual para o quilombo. Reuniu os moradores, cozinhou uma paca, preparou o angu e mandou todos se ajoelharem. Distribuiu pedaços de paca com angu dizendo a cada um? “Um bolo de angu com paca”. E o devoto do novo ritual deveria responder: Amém. Mais um caso de meu avô. Acredito que este é quase universal em regiões quilombolas. O negro foi ao povoado assistir a celebração da Semana Santa. O padre pregava o sermão antes da procissão do enterro narrando todos os sofrimentos de Nosso Senhor - Senhor - Jesus Cristo. Ao narrar cada tormento, o negro lamentava: “Coitado de Siô”. “Coitado de Siô”. No ano seguinte, retornou no mesmo dia. Novamente, o padre pregou narrando os suplícios de Nosso Senhor. A cada episódio narrado, o negro repetia: “Bem feito pra Siô”, “Bem feito pra Siô”, “Bem feito pra Siô”. Incomodados, os fiéis repreenderam o negro com aquelas palavras que é possível imaginar. Resposta. “Siô merecia. Se ano passado ele sofreu tanto, porque que tinha que voltar outra vez para sofrer mais?”

Erildo Nascimento de Jesus Juntamente com o pesquisador baiano Aloísio Cardoso estamos desenvolvendo estudos na Biblioteca Antônio Torres em testamentos e inventários. Objetivamos origem genealógica das famílias de Lençóis na Bahia. Já conseguimos alguns resultados satisfatórios com as famílias Matos e Mendes. Realmente remontam ao êxodo provocado pelo sistema de contrato no Distrito Diamantino.

Erildo Nascimento de Jesus

José Moreira de Souza. Como Superintendente Regional de Ensino inaugurei a Escola de Pedro Pereira. Foi uma contenta porque diziam que a escola estava inicialmente destinada ao Espinho. Em nossa escola foi apresentado um trabalho de conclusão do Curso de História sobre a comunidade quilombola do Espinho por uma moradora do local. Este trabalho despertou minha curiosidade para conhecer o Grupo Kubuinhos do Espinho. Lindos !

Luis Santiago o problema do termo quilombola é q é usado como sinônimo de escravo fugido, qdo na verdade, me parece, significa morador de quilombo, seja livre, forro ou escravo, fugido ou nascido em liberdade, africano ou brasileiro, branco, índio, pardo ou preto; há inclusive o verbo

quilombar, q significa ir morar em um quilombo ou reunir-se para formar um quilombo; com a diacronia própria da língua, passaram a ser a tradução de cimarrón, marron e maroon, palavras q, estas sim, significam propriamente o escravo fugido; inclusive com a marronaje, qdo o escravo vive na clandestinidade; os pesquisadores já perceberam essa questão de significado, mas o grande público ainda não, por isso, os descendentes de quilombolas negam, renegam e denegam q seus ancestrais são quilombolas, já q isso significaria q eram escravos fugidos, quando não precisa ser necessariamente assim; outro bom motivo para esconder um passado era a matrilinearidade da escravidão, quer dizer, se minha mãe ou avó materna era uma escrava, também sou escravo do proprietário delas; essa ligação era particularmente perigosa nas décadas de 1850 e 1860, qdo o tráfico interprovincial estava aquecido e havia muita reescravização, q podia ser tanto ajuizada ou fraudulenta

José Moreira de Souza Pois é isto mesmo, [Luis Santiago](#), acontece que, quando nas Disposições Constitucionais se refere aos “remanescentes das comunidades de quilombos” aparentemente entrega aos Historiadores a incumbência de certificar essa realidade. A querela da polissemia do termo, porém acabou colocando sob a competência dos Antropólogos, à semelhança das práticas indigenistas, elaborar estudos para a referida certificação. Moral da história, surgiu discussão sobre quilombo e “terra de pretos” e coisas mais. Isto me faz lembrar a querela ainda hoje existente sobre a “macumba”. A demonização das práticas de origem africanas determina que macumba é feitiçaria, coisa do demo, do coisa ruim, por mais que os pais de santo informem que macumba é apenas um instrumento musical. A ampliação do termo quilombo, por sua vez cria inúmeros incômodos para as políticas públicas de “integração” étnica. Penso mais uma vez, em Gouveia. O saber popular determinava quem morava do “mastro para cima” e do “mastro para baixo”. Esse do mastro para baixo seria um quilombo no sentido ampliado ou recuperado do termo. Algo como a diferença entre “Os estabelecidos e os out-siders”. Contudo, a constituição de espaços diferenciados e determinados se fixam ao longo do tempo criando as Ruas do Sabão, do Fogo e do Carrapicho. Os nomes já informam tudo, como no Serro, o Bota Vira, o Gambá, ou em Diamantina com o arraial dos Forros. Fica a pergunta: quilombo são espaços discriminados - seja urbanos seja rurais - , espaços de resistência à ordem escravistas, enclaves de contestação do sistema de dominação colonial ou oportunidades de contragovernança como se diz hoje da perfeita organização do tráfico de drogas? Conforme a ênfase, a questão étnica se torna frágil e se assemelha a cópia de alguma coisa importada.

Notícias & Comentários

Luis Santiago a favela com relação à cidade devidamente arruada segue o mesmo princípio; em um texto q apresentei na Anpuh da Bahia, chamo a atenção para o duplo arraial, com a futura matriz (irmadade do Santíssimo) e o onipresente arraial do Rosário, com rei, rainha, juízes, mesa decisória, q eram rigorosamente supervisionados, mas dispunham de certa autonomia; era o caso de Diamantina até por volta de 1750, com dois grandes arraiais adjacentes, o da futura matriz, hoje catedral, q incluía o largo do mercado; e o do Rosário (sem correios nem teatro) com sua própria igreja funcionando em 1730; em 1770, os crioulos se rebelaram e fundaram a irmandade das Mercês, os guineenses também quiseram sair e chegaram a fazer uma solicitação nesse sentido (Caio Boschi citando Aires); o arraial era dirigido portanto por africanos nascidos no complexo cultural congo-angolano, q há mais de século recebera a dominação portuguesa (primeiro diplomática e comercial, depois bélica) e a religião católica; a partir de 1750 o quadro fica bastante complexo com outras irmandades, representando os respectivos grupos étnicos e sociais (Amparo, Bonfim, Carmo, São Francisco); e no fim do século XVIII sofreu com uma política q já não apoiava essas instituições; mas o Rosário de Nossa Senhora resistiu e resiste bravamente

José Moreira de Souza No Primeiro Seminário de Estudos Mineiros, realizado no ano de 1956, o professor Sílvio Vasconcelos apresentou o trabalho sobre a Formação Urbana de Minas Gerais. Embora não entre nos detalhes que você, **Luis Santiago**, enriquece, ele traça o perfil da centralidade da matriz, a polinucleação das irmandades e a recentralização do espaço num terceiro período. Infelizmente, com todas a facilidades de acesso aos estudos, o excesso de especialização acadêmica restringe mais do que amplia as oportunidades de diálogo. A peripécia de conhecer sua obra foi um bom exemplo. Achei por acaso seu primeiro livro e somente por contato com você tive oportunidade de conhecer mais alguma coisa.

Luis Santiago aprendi a enxergar a cidade enqto tecido de arraiais com as análises acuradas do prof **José Moreira de Souza** na sua tese, Cidade: Momentos e processo, inclusive com mapas do Serro e de Diamantina q, parece, não foram incluídos no livro; encontrei uma cópia na biblioteca Antônio Torres.

Edmeia Faria Ah, que maravilha, Professores, continuem o diálogo. Interessante curso para quem não teve oportunidade de assistir suas aulas ao “vivo”.

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

Lançamento:

➤ **Manoel Ambrósio – Manoel Ambrósio Alves de Oliveira – Brasil Interior: palestras populares – fol-lore das margens do São Francisco. Montes Claros: Unimontes, 2015**

Todos os louvores se devem à família de Manoel Ambrósio e aos professores Carlos Ceza de Carvalho da Unimontes; Ramiro Esdras Carneiro Batista, da Universidade Federal do Amapá e fundador do Centro de Memória, Documentação, Informação e Pesquisa “Professor Manoel Ambrósio”; e Ros’elles Magalhães Felício também da Unimontes.



A recuperação da obra “Brasil Interior” é um grande feito que Minas Gerais, o Brasil e o mundo todo devem a esses “aventureiros do saber”. Não lhes cabe outro nome.

Em *História da Literatura Mineira*, Martins de Oliveira dedica a seção introdutória a que denomina “Prenotações” o capítulo “Primeiros tempos de Minas Gerais. Tipo Minei-

ro influência da mineração e do campo. Canção popular mineira”. O cuidado de encontrar uma mentalidade mineira ou tipo do mineiro, conduz o autor a seguinte afirmação:

Todo esse acervo, que se estratificou no sentimento do povo, diante da natureza sempre rude, brutal, misteriosa, não encontrou, ainda em Minas, análise completa, salvo o esforço de alguns mestres, entre os quais têm justificada estima Lindolfo Gomes, Nelson de Sena, Carlos Góis, Basílio de Magalhães, Aires da Mata Machado Filho, Artur de Oliveira Rodrigues, Alexina de Magalhães, João Dornas Filho, Manoel Ambrósio, Fausto Teixeira, Levi Braga, Saul Martins e outros.

Vê-se na obra referida, cuja primeira edição data de 1958, o destaque dado pelo autor aos poucos nomes de estudiosos de Minas voltados para “o sentimento do povo”. Ao ter em mãos “Brasil Interior” o leitor perceberá sua importância e atualidade. Com efeito, a marca principal do estudioso do Folclore é a atenção ao local onde vive e ao percurso que faz. Desde os anos 70, quando a Comissão

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

Mineira de Folclore promoveu em parceria com o, então, Conselho de Extensão da UFMG, o Ciclo de Debates, vimos insistindo que o estudioso de folclore não faz “observação participante”, mas “participação observante”. Esta é a marca da obra de Manoel Ambrósio. Narrar e sistematizar o vivido.

A obra se divide em três partes e foi publicada originariamente em dois volumes. O primeiro deles compreende a primeira e a segunda parte. Parte I: Lendas; Parte II: Narrativas. Parte III, volume II: continuação das narrativas.

Ao afirmar que o estudioso de folclore participa e observa ao contrário de observar e participar, diríamos melhor hoje de “vivência atenta e sistematizante”, o que quer dizer que o estudioso de folclore não inventa um objeto externo ao viver. Se anda a cavalo, relata esse viver. Se é boiadeiro, ou tem um amigo boiadeiro, é essa conversa que é comunicada ao leitor ou ao público. O nome “palestras” empregado pelo autor não o coloca em lugar privilegiado, num tablado, mas numa esquina de rua, no banco de praça, no largo próximo a um rancho, palestrando com quem quiser participar da palestra.

Resultado disso é que em qualquer lugar que o leitor se encontre, ele se torna também componente da palestra.

Primeiro exemplo: a primeira lenda para palestrar recebeu o título de “A mãe d’água”. O autor, logo no início, acena para um brincadeira de crianças com tições à mão para atrair “vagalumes azuis” cantando:

Vagalume, lume lume,
Teu pai sta lá,
Tua mãe sta cá,
Pereira de Souza!

Imediatamente, eu entro nessa palestra e canto:

Vagalume, lume lume,
Teu pai, tua mãe stá qui,
Vem tocá viola pra nós dançá!

Em seguida, eu chamo para esta palestra nosso companheiro Luiz Trópia e pergunto:

- Quando criança, vocês aí no Bairro Santa Tereza viram e brincaram com vagalume?

E me ponho a pensar, será que alguma criança de hoje consegue entrar nessa palestra? Já viu alguma vez um vagalume pirlampando em meio a uma noite escura?

Manoel Ambrósio nos convida a palestrar. Salto agora para a página 235, quase no final do livro. Nele o autor narra o caso de um “Matuto” que visita o Conselheiro Mata Machado nas dependências da Fábrica de Santa Bárbara. Entre nesta palestra para me recordar de Aires da Mata Machado Filho. Obrigo-me a isto. “Mas, porém, todavia” entre nessa palestra obrigando-me a relatar casos e mais casos

de “dar manota”. O Conselheiro oferece aposentos ao matuto que não sabe como se comportar num ambiente nobre. Retira todas as cobertas e lençóis da cama para poder dormir. Juntamente com Aires, entra na palestra o professor Edgar Godói da Mata Machado. Ouvi este caso: Edgar ofereceu para Geraldo Araújo Fernandes – conhecido como Geraldo Boi na Faculdade de Filosofia da UFMG e inspirador de *O grande mentecapto* de Fernando Sabino - um cômodo de sua residência para moradia. Geraldo aí se instalou por algum tempo. Depois, desapareceu sem dar mais notícia. Certo dia, o professor Edgar encontrou o Geraldo e perguntou:

- Por onde você anda? Desapareceu de minha casa sem dar mais notícia.

E Geraldo, com aquele português castiço que era sua marca.

- Ilustre professor, eu não poderia mais permanecer nas instalações que me foram tão gentilmente cedidas. A sua camareira se esqueceu e trocar as roupas de minha cama.

Palestrar com Manoel Ambrósio é uma prenda. Não foi a toa que três professores universitários com formações tão diversificadas se encantaram com essa obra.

Fico aqui pensando. Quem não adquiri-la está perdendo uma das maiores criações literárias e de estudo do folclore que Minas deu à luz.

José Moreira de Souza

➤ Lenice Gomes e Fabiano Moraes. *Alfabetizar letrando com a tradição oral*. São Paulo: Cortez, 2013

Já que comentei a importância da obra de Manoel Ambrósio – escrita no ano de 1912 – quero recomendar ao leitor esta outra de dois professores. A primeira de Pernambuco e o segundo do Espírito Santo. A publicação pela Cortez Editora confere credenciamento para ser recomendada pelo mercado acadêmico. Com efeito, pude adquirir essa obra na livraria do William Gomes na Faculdade de Educação da UFMG.

Não sei se fui o único, porque desconfio que “tradição oral” não é muito credenciada naquelas plagas por que isto tem ressaibos de folclore.



Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

Porém, vamos à obra. A proposta dos autores coincide com o que temos preceituado como motivo para palestrar sobre folclore e educação.

Façamos um rápido percurso pelo plano da obra.

Introdução: “Tradição oral: uma riqueza presente em nossos dias”

Capítulo I: “A oralidade na sala de aula: o respeito à fala do aluno”. Entre nessa palestra e mudo o título para “A oralidade na sala de aula: aprendendo com o saber do aluno e sua rede de relações”.

Capítulo II: “Tradição oral, alfabetização e letramento”. Não tem jeito, quero que nosso companheiro da Comissão Mineira de Folclore, Antônio Henrique Weitzel, entre nessa roda de palestra. O que ele tem a palestrar se desdobra em longos dias. “Advinha, o que é?”, “Folcterapia da fala”, “Folclore literário e linguístico” e até o último livro que ainda não veio a lume: “Adagiário Medicinal”

Capítulo III: “A literatura infantil e as raízes no popular”.

Quero que quero ouvir Henrique Lisboa, e novamente nosso Antônio Henrique Weitzel, e a roda palestrante aumenta com a presença de Edméia Faria, Miriam Blonski. Por último, o capítulo IV: “Os narradores tradicionais e a escola”. Não tem jeito, eu quero palestrar também com Angélica de Resende Garcia a partir de “Nossos avós contavam e cantavam”, com Carlos Felipe e suas obras de canções e contos, com Lúcia Machado de Almeida, quero também nesta roda Domingos Diniz, Antônio de Paiva Moura, Antônio de Oliveira Mello e todos nossos divertidos companheiros.

Isto para ficar apenas com alguns nomes da Comissão Mineira de Folclore. Estendendo um pouco mais elejo como coordenador da roda de palestra nosso presidente da Comissão nacional de Folclore, professor Severino Vicente, lá da terra de Câmara Cascudo, para ele encher a roda de palestrantes: Braulio Nascimento, Nereu do Vale Pereira, José Fernando, Oswaldo Trigueiro, Maria de Lourdes Macena. Ih! A lista não tem fim.



➤ Maria Marly. *Minha vida, minhas ilusões e desilusões*. Belo Horizonte: Mosaico, 2014

Não sei em qual momento as pessoas assumem a dimensão de mestres. Mestres ou griots como está em moda. No meio acadêmico, inspirados por políticas públicas e recursos financeiros daí procedentes a questão dos mestres e seus saberes está em moda. Trata-se de reconhecer o saber “acumulado” – não sei se saber se acumula – pelas pessoas ao longo da vida. O certo é que certas pessoas em dado momento se sentem plenas de vontade de narrar o próprio percurso.

Esse é o caso de Maria Marly, cujos filhos incentivaram e realizaram a publicação de *Minha vida, minhas ilusões e desilusões*. Tenho prestado atenção nas notícias veiculadas pela imprensa nesses momentos de turbulência. Valemos menos os fatos do que sua adjetivação. No caso da obra de Dona Maria Marly os adjetivos são ilusões e desilusões. Vida todos vivemos, mas o destaque a ilusões e desilusões são adjetivos próprios de interpretar o percurso.

Curiosamente, no que poderia ser o prefácio, Josimar, o irmão confere adjetivo diferente para as “ilusões” de Dona Marly. A determinação, o saber interpretar regras, o saber estar junto. Ele diz:

Marly, você jamais estimou o quanto a sua forma de ser teve importância fundamental na minha formação, nos mais diversos aspectos.

Mesmo nas brincadeiras de roda, de pique, cobra cega e etc. você marcava sua presença apontando o certo e o errado.

Dona Marly sintetiza a marca de desilusão como adjetivo que iluminou sua vida:

Escrevo quase todas as noites.

...

Às vezes escrevo para ver se passa a desilusão de viver no final de uma noite de natal, sem graça e repleta de desânimo.

...

Volto para a escrita porque com ela esqueço os problemas, mesmo falando deles. (...) Escrevo para esquecer a rotina. Sempre destestei rotina.

...

Escrevi tudo isso e, sim, na esperança de que algum dia alguém quisesse ler. Ler a minha história, os pensamentos e sentimentos que tive sobre ela. Uma história de uma menina de uma cidade de interior, de uma adolescente criada para casar. A história de uma mulher casada com um marido que deixou a desejar. Conto histórias de uma pessoa com experiências de filha, de mulher, de amante e, sobretudo, de mãe.

Eis uma boa palestra para ser inserida no projeto da Comissão Mineira de Folclore “Saber viver e suas condições”. Ilusão determina o percurso e desilusão, a descoberta das condições. Pedro Nava já disse: “Experiência é um carro que vai para a frente com o farol iluminando para trás”.

➤ Tião Rocha e Cristina Loyola (org). *Cuidado do futuro. Redução da mortalidade materna e infantil no Maranhão*. Belo Horizonte: Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD, 2012

Tião Rocha e Cristina Loyola são parceiros inseparáveis em prol da promoção humana a partir do saber popular.

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore



Para dizer a verdade, em toda parte desse “mundo perdido de meu Deus” há sempre pessoas que querem ser parceiras do Tião. Ele convoca as pessoas à **simpatia**. Se eu dissesse do cognato latino, o leitor entenderia que elevo Tião às glórias da superioridade. O cognato latino é **compaixão**. Em grego ninguém se incomoda porque foi assim que Adam Smith al-cunhou um conceito chave em sua

Teoria dos Sentimentos Morais. Simpatia e compaixão são a mesma coisa e convocam as pessoas às relações fraternas, ou de identificação. Estou caminhando numa selva de palavras perigosas, labirinto de armadilhas.

Relações fraternas não determinam “igualdade” tão defendida nos dias atuais. Identificação também não exige que eu pense como o outro, mas que eu me disponha a contemplá-lo como oportunidade de aprender.

Penso poder interpretar o percurso do Tião como um homem compassivo, simpático, exigentemente simpático, compassivo até o limite. Na minha convivência com Tião, eu o vejo trafegando num eixo no qual se encontra, de um lado, a determinação superior do que é conveniente para o pobre, o desvalido, o detentor do saber não credenciado e, no polo oposto, o valor reprimido do saber descredenciado. Ao palestrar com as pessoas posicionadas no polo do poder credenciado, Tião é intransigente. Ao se identificar com os desvalidos e seu saber não credenciado, Tião é compassivo, simpático. Nesse percurso, Tião se depara com as crianças, torna-se folclorista, escreve e publica a Cartilha do Folclore lembrando que todo mundo independentemente da condição social é portador de folclore. Referente a esse saber incorporado nas relações pessoais, Tião se dá conta de que a Universidade é uma instituição fundada para desrespeitar o povo e seu saber. Demite-se e funda o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD -. Eleva ao altar o saber do sertanejo – diferente do saber sertanejo.

Nessas andanças, Tião se depara com o poder do saber credenciado promovendo o descredenciamento do saber popular. O que não é outra coisa que dizer ao pobre, ao desvalido: “reconheça seu lugar”. Descobre o conceito de resiliência e o torna operativo para a prática cidadã. *O Caminho das Pérolas* demarca esse momento. *Cuidando do Futuro* é o passo seguinte do encontro com a resiliência. Isto lembra o Auto da Lusitânia de Gil Vicente:

*Ninguém busca consciência
E Todo Mundo quer dinheiro.*

...

*Que quer em estremo grado
Todo Mundo ser louvado
E Ninguém ser repreendido.*

CARRANCA PÁGINA 16

...

*Todo Mundo busca a vida
E Ninguém conhece a morte.*

...

*Que Todo Mundo é mentiroso
E Ninguém diz a verdade.*

...

*Todo Mundo é lisongeiro
E Ninguém desenganado.*

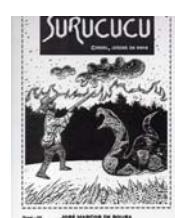
Em *Cuidando Do Futuro*, Tião e Cristina se voltam para a questão da saúde no estado do Maranhão.

Esta é uma obra interessante sob vários aspectos. Tal qual em *O caminho das Pérolas* os autores são apenas facilitadores para emergência de novos autores. Eles têm uma proposta que somente será válida de incluir outras pessoas numa grande roda de conversa.

Há um problema, a mortalidade materna e infantil detectada pelas estatísticas em nível alarmante. Há um saber popular tradicional que se conforma com essa mortalidade.

*Todo Mundo busca a vida
E Ninguém conhece a morte.*

Se a opção de buscar a vida já está acessível, por que nessas terras de meu Deus, existem municípios nos quais até 80% das crianças nascem apenas para morrer em seguida? Esse é o desafio. Universalizar a busca da vida implantando essa busca no saber popular. Não tem sentido, portanto o livro ser uma obra de um autor único. Em cada município os “agentes de saúde” tornam-se autores para palestrarem com as famílias e disseminarem a universalização desse saber para “Todo Mundo”.



➤ José Marco de Sousa. *Surucucu: cordel, lendas da Mata*. Muriaé: Edição do Autor, 2015

Nosso companheiro da Comissão Mineira de Folclore, Danilo Porcaro, lá de Muriaé, remeteu para nosso acervo a obra de José Marcos de Sousa, *Surucucu: cordel, lendas da Mata*. Coisa boa. É mostra de registro de que o Cordel como gênero literário encontra-se muito mais disseminado do que o que se constata. A Mata “do Rio”, como se dizia nas regiões de mineração após a migração incessante para os canaviais e fazendas de café, também desperta cordelistas. Surucucu é a metáfora que desvenda o desmatamento. É o grito pela preservação ambiental.

Patrão, me acode!

A cobra vai me matá!

A Surucucu apaga-fogo

*Não deixa ninguém passá,
Ela vive em defesa
Do que o Senhô qué acabá.*

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

Danilo Porcaro sintetiza em poucas linhas a mensagem da obra. Transcreve do autor: “É preciso muita cana// ao enfrentá a tal peçonha”. E acrescenta “A preocupação do autor era realizar um trabalho de um fato muriaeense, no estilo literário de cordel, realçando os valores ecológicos da Surucucu e a credice popular – eis a obra feita / em evidência do folclore muriaeense”,

Na leitura o autor palestra sobre a ocupação das matas, a chegada das boiadas, dos fazendeiros, do abandono do saber popular, do saber dos autóctones indígenas.

➤ Altimar de Alencar Pimentel, Bráulio do Nascimento e Roberto Emerson Câmara Benjamim.

Romanceiro de Tia Beta. João Pessoa: FIC Augusto dos Anjos, 2012. [Participação de José Fernando Souza e Silva e Osvaldo Meira Trigueiro, seguem 2 cds]



Esta obra foi uma prenda do José Fernando de Souza e Silva da Comissão Pernambucana de Folclore para nosso Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore.

Um dos traços marcantes da VII Jornada Integrada de Ações do Folclore realizada nos dias 28 a 31 de julho na cidade de Aracaju foi o de deparar com estudiosos de Folclore encantados com pessoas especiais detentoras de um saber que desvenda segredos da academia. “O Povo da Cultura”.

Com efeito, reina hoje uma política de cultura altamente culturalista. O conceito abstrato de cultura se impõe sobre as relações concretas das pessoas e cultura sobressai-se com um precipitado nos balões de ensaio. Tia Beta não é cultura, é uma pessoa carregada de saberes. Tia Beta sabe. É admirada como pessoa. Ela tem o que palestrar.

Em torno dela reúnem-se pessoas ávidas de partilhar com ela o seu saber. *O Romanceiro de Tia Beta* é um dos produtos dessa convivência. Nessa obra destaca-se a admiração de cinco apaixonados. Eles querem que o mundo inteiro conheça a Tia Beta e pensem o viver em meio a essa conversa.

➤ Bruno Bettelheim. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 29 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014



Ufa! Apareceu a 29ª edição de *A Psicanálise dos contos de fadas*. Vigésima nona, há que sublinhar.

Há que saudar o retorno dessa obra que se tornou um clássico em nosso meio acadêmico até os anos 80 do século passado, compreender o seu desaparecimento, e a ressurreição nessa segunda década do século XXI.

O sucesso de tantas edições se deve à devoção ao Folclore que chega até a Psicanálise. Folclore que encantou um autor como Frazer – *Folclore do Antigo Testamento* -, ou Marc Bloch com os *Reis taumaturgos*, ou Vladimir Propp em *Édipo à luz do Folclore* retorna à luz da Psicanálise. Há que saudar a ressurreição para compreender o iato. Psicanálise tem muito a ver com Folclore. Ela se insinua na academia sem se submeter. Psicanalista não é profissão reconhecida garantida por aparato policial de credenciamento. Por outro lado, psicanalista é detentor de uma saber admirado pelos praticantes credenciados para cuidar da saúde mental.

Curiosamente, nossos psicanalistas não têm se debruçado sobre nossas lendas, a narração de nossos mitos para explicitarem as marcas profundas de nossos saber viver.

A publicação de *A Psicanálise dos contos de fadas* enseja essa oportunidade. Apenas um exemplo. Ao longo de minha caminhada em anos recentes como membro da Comissão Mineira de Folclore tenho assistido, às vezes com dor, conflitos internos, imposições, e desprezos externos. Encontrei no repositório do saber popular um ditado/provérbio que sintetiza minhas angústias:

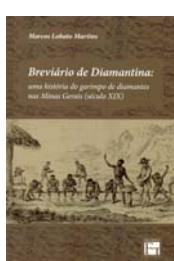
É por causa dos santos que se beijam as pedras

Em 2012, propusemos à Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais que sugerissem às escolas atividades sobre folclore resumidas em um procedimento de alta simplicidade. Os alunos ouviriam dos pais, ou dos vizinhos, colegas, ou de lembrança pessoal, algum provérbio ou dito popular. Esse provérbio ou dito geraria um texto – conto, caso, narrativa, história ou estória - como conclusão. Exemplo “quem já foi rei nunca deixa de ser majestade”, ou “quem quer pegar galinha não diz que (sic) xô”. “Quem dorme com criança amanhece molhado”. “Asno com fome, bugalhos come”.

Ninguém utiliza esses saberes sintéticos se não tiver uma história para narrar. O repositório não determina a frequência do emprego.

A Psicanálise dos contos de fadas é desenvolvida em duas partes, a primeira aos mitos e a segunda aos devaneios. O autor intitula “Um punhado de magia” e “O País das fadas” respectivamente à uma e outra parte.

➤ Marcos Lobato Martins. *Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.



Adquiri esta obra de Marcos Lobato por obrigação e tenho o prazer de disponibilizá-la no acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore. Pode-se dizer que esta obra de Marcos Lobato é a mais importante sobre

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

Diamantina e sua região. Eu diria que é o “Arraial do Tejuco Cidade Diamantina II” em homenagem minha a Aires da Mata Machado Filho.

Marcos Lobato vem se dedicando ao estudo das atividades do garimpo desde sua dissertação de mestrado. *Da bateia à enxada*. Diamantina: Fafidia, 2000, *Breve História de Diamantina*. Diamantina: Gráfica Urgente, 1996, são outras obras de meu conhecimento desse autor sobre a cidade em que lecionou e amou.

Roberto é também um grande estudioso de sua cidade natal: Pedro Leopoldo. Tão logo faça o percurso completo, farei comentários mais precisos. Contudo, já de antemão, afirmo sem medo de errar é a obra mais importante publicada sobre Diamantina e sua região.

➤ Manoel Diégues Júnior. *Regiões Culturais do Brasil*.

Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais –INEP, 1960



Adquiri esta obra para ser incorporada ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore tendo em

vista minha preparação para a VII Jornada Integrada de Ações de Folclore que se realizou em Aracaju.

O móvel principal foi de sustentar, como fundamento para o XVII Brasileiro de Folclore que Minas é um espaço de diálogo com o Brasil. Há uma Minas Pernambucana, uma Minas Baiana, uma Minas Paulista, e até uma Minas Gaúcha em sua formação histórica e na determinação de suas tradições.

Acompanhando a *Geografia dos Mitos Brasileiros* de Câmara Cascudo, a trilogia de Gilberto Freira a partir de *Casa Grande & Senzala* até *Ordem & Progresso*; *Instituições políticas Brasileiras* de Oliveira Viana, obras de Costa Pinto; *O homem do Vale do São Francisco* de Donald Pierson, e a mais recente de Luis Santiago *O Mandonismo Mágico do Sertão*, o vídeo de Dênisson Diamantino *Carinhanha um rio do Grande Sertão*, temos bons assuntos para palestrar. Surge então a pergunta qual a diferença na construção das identidades com base nos limites territoriais dos estados e a identidade construída

nas relações do cotidiano?



➤ Nereu do Vale Pereira. *O Boi de Mamão: folguedo folclórico da Ilha de Santa Catarina. Introdução ao seu estudo*. Florianópolis: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, 2010.

O professor Nereu do Vale Pereira é uma das pessoas nas quais devemos nos espelhar. Com a belíssima idade de 87 anos, compareceu, pleno de energia à VII Jornada Nacional Integrada de Ações de Folclore, deslocando-se da ci-

dade de Florianópolis até Aracaju. Em 2013, promoveu o XVI Congresso Brasileiro de Folclore em Santa Catarina, obrigando-se a arcar com a maioria dos custos. Exibe uma ampla obra resultado de sua atenção para o saber viver nessa região. A obra *O Boi de Mamão: folguedo folclórico da Ilha de Santa Catarina. Introdução ao seu estudo* é exemplo dessa dedicação. Na palestra proferida em Aracaju, Nereu mostrou pormenores a partir de registros

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

desenvolvidos ao longo de anos sobre essa forma de celebrar a vida.

Acostumado às encenações que reproduzem a vida em escala ampliada, Nereu interagiu com as cenas do Mamulengo com a mesma graça com que admira e participa do Boi de Mamão e seus personagens míticos.



➤ Gutenberg Costa. *Cultura Popular. Vivências e anotações de um pesquisador folclorista*. Natal: 8 editora, 2014.

O Nordeste é um celeiro de estudiosos de Folclore e Gutenberg Costa é um exemplo típico. Atuante na imprensa, sempre atento à vida, Gutenberg vê cada instante como oportunidade de revelar o poder que se esconde no saber. Exatamente por isso, há sempre humor em seus escritos e elevada competência para ver o avesso das coisas.

Em *Santa Luzia e os olhos* esse autor convida o leitor a ver o que não vê a todo momento. “Um pensamento de sete olhos” o surpreende logo na abertura do livro.

Cultura Popular. Vivências e anotações de um pesquisador folclorista segue o mesmo caminho.

Entendo que os folcloristas trazem uma mensagem para o meio acadêmico da maior importância: só se aprende com humor e sem rigor. Nem mesmo a obediência cega está livre disso. Disciplina é parceira de um espírito indisciplinado. Tomo ao acaso uma palestra de Gutenberg. Está à página 140. “O ‘Puxa-Saquismo’ Na Boca do Povo”.

Lê-se: Na cultura do povo, ele é conhecido como ‘chaleira’, ‘bajulador’, ‘estende tapete’, ‘prepara a cama’, e ‘serviçal pra tudo’. Não existe raça pior de gente nesse mundo para o povo. O puxa-saco é irmão legítimo do delator. Pobre não tem puxa-saco e rico nenhum dele escapa. Anotei, certa feita, essa filosofia de parachoque de um caminhão em uma estrada: “Formiga e puxa-saco não precisam plantar”.

Todo puxa-saco de político é como gato, se acomoda fácil a um novo dono, desde que tratado bem e com um cargo comissionado”.

Que nosso leitor tenha a curiosidade aguçada para visitar essa obra bem humorada.

Obras a serem comentadas na próxima edição deste Boletim

➤ Leonardo Barci Castriota (ORG). *Mestres artífices Minas Gerais. Cadernos de Memória*. Brasília: IPHAN, 2012

➤ Marconi Ferreira. *Viagem na História de Itabira com o Menino da Mina*. Itabira: Tempoética, 2013

➤ *Resgate Histórico: Comunidade Bernardo de Souza Vespasiano – MG. Histórias com significados*.

➤ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. *Patrimônio Cultural Imaterial, para saber mais.3 ed.* Brasília: Iphan, 2012

➤ Francisco Passos Santos (Chiquinho do Além Mar). *A história de Sergipe contada em versos*. 2.ed. Aracaju: Edição do Autor, 2014.

➤ Francisco Passos Santos (Chiquinho do Além Mar). *A saga dos guerreiros Tupinambás*. Aracaju: Diário Oficial, 2008

➤ Neide Rodrigues Gomes e José Carlos de Oliveira. *A quaresma na região entre serras e águas e o cântico de Verônica*. São Paulo: Comissão Paulista de Folclore, 2015

➤ *Repertório de músicas da Confraria do Divino Espírito Santo de Joanópolis*. São Paulo: Comissão Paulista de Folclore / VII Seminário Nacional de Ações integradas de Folclore, 2015

DVDs

Abati, o milho na culinária, na arte e artesanato. São Paulo: Abaçai. Revelando São Paulo

Guapuruvu soberano e jongo levanta povo. São Paulo: Abaçai. Revelando São Paulo

6ª Cavalgada do Divino Espírito Santo 2010 – Joanópolis. São Paulo: Comissão Paulista de Folclore

CD

35ª Visita de Santos Reis Rio de Janeiro: Casa de Santos Reis, 2014.

Obras incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

Obras a serem comentadas na próxima edição deste Boletim



Artigos

Dos encantos e das estórias de um Brasil Interior

Carlos Ceza de Carvalho¹
Ramiro Esdras Carneiro Batista²
Ros'elles Magalhães Felício³

A obra *Brasil Interior - Palestras Populares Folk-lore das margens do São Francisco*, do professor, jornalista, historiador, poeta, prosador, idealista, folclorista Manoel Ambrósio Alves de Oliveira, foi originalmente escrita em 1912; mas só em 1934 foi dada a conhecer, graças a amizade do autor com o compadre e também professor Nelson Benjamim Monção.

Adequada aos protocolos editoriais vigentes e com expressa autorização da família do autor, *Brasil Interior* ressurge tal qual foi escrita em 1912 (Editora Unimontes, 2015), uma vez que os organizadores da obra e a família de Manoel Ambrósio decidiram manter o registro de uma época em que os escritores ora se orientavam pela fonética - e traziam marcas da fala para a escrita - ora pela etimologia, buscando na origem da palavra justificativa para tal registro.

Em *Brasil Interior*, esse registro mostra-se intencional. É que Manoel Ambrósio ora fala ora passa a palavra aos seus personagens, conforme observou Cosme Damião da Silva em *O discurso indireto livre de Manoel Ambrósio em Brasil Interior*. Quando o autor fala percebemos a erudição, a concordância, o conhecimento das letras, a palavra do narrador. Quando a palavra é dada aos personagens – *Sá Francolina, Sá Lunarda, o véio Ciryáco, a Joaquina Imperial, o Paulo de Santo Antonio* e tantos outros, o que se percebe é a tentativa de transcrever para a escrita a fala dos pescadores, dos vazanteiros, dos ribeirinhos, do povo da beira do Paranapetinga.

A linguagem empregada por Manoel Ambrósio nos contos, lendas e narrativas de *Brasil Interior* permitem antever um registro dos falares ribeirinhos que antecede a Guimaraes Rosa. Termos como *resmelengue, ingrizia, mamparra* e tantos outros registrados em muitas publicações roseanas já se faziam perceber em *Brasil Interior*. Afinal, não tiveram os dois, cada um a seu tempo, a mesma engenhosidade de

cunhar os termos e expressões populares tão característicos dos ribeirinhos, catumanos e geraizeiros?

Francisco de Vasconcelos(1974) na obra *O Folclorista Manoel Ambrósio* ressalta que o mestre barranqueiro “mesmo nas suas longinhas barrancas, deu alguns passos a mais que seus contemporâneos, porque teve a preocupação de grafar as palavras segundo a pronúncia popular da região...”.(VASCONCELOS, 1974, p.109)

Em *Brasil Interior*, as lendas, contos e narrativas se sucedem numa profusão de imagens, cores, sons, sabores divididos em dois volumes curiosamente contidos num só. Nesta plasticidade, mais dourado é o pente da *Mãe d'água*, mais cheiroso é o pirão de *Dona Miquelina* - feito de curvina seca e gorda - mais saborosos são o queijo e as crueiras de mandioca devoradas às escondidas por *Rimuardo* e o remeiro *Seu Thomé*. As mulas sem cabeça se multiplicam, e o caboclo d'água toma a proporção de um gigante descomunal.

A descrição das gentes do povo revela figuras caricatas encontradas em tantas outras culturas: o fanfarrão *Paulo de Santo Antônio*, o bandido *Três-Bundas*, o curandeiro *Mané da Quina*, o sovina *Primo Vieira*, o religioso *Seu Patúrnio*, a rezadeira *Demétria*. E, ainda, o matuto visitante do casarão do *Cunselheiro Aires da Mata Machado*, o vingador *Manoel Nunes Vianna*, a inconfidente *Maria da Cruz* que ao mesmo tempo que se revelam ficcionais, remontam o leitor a fatos e pessoas reais da história das minas e dos gerais.

Impossível traduzir os encantos de *Brasil Interior*. Tal feito ficará a cargo daqueles que aceitarem o convite à leitura dessa obra genial, de um homem de hábitos simples e talvez por isso genial, que na observação do *modus vivendi* dos seus contemporâneos ribeirinhos soube traduzir a alma de um povo que ainda hoje pode ser provocado, segundo o próprio autor, pela *endêmica mania dos thesouros enterrados só para saber do gosto até onde podem chegar as phantasias populares do sertão*.

¹ Professor, Bibliotecário Unimontes

– IFNMG carlosceza@hotmail.com

² Professor UNIFAP jjesdras@bol.com.br

³ Professora Unimontes rosmfelicio@yahoo.com.br

Artigos

ADAGIÁRIO MEDICINAL

Capítulo V II – da próxima obra do professor Antônio Henrique Weitzel

Os cuidados do povo com a saúde, a higiene, a alimentação fizeram, com o passar dos tempos, nascer um verdadeiro adagiário medicinal, oral, fácil de ser guardado e repetido por sucessivas gerações. Observa-se nestes provérbios uma preocupação mais preventiva que remediável, de acordo com o ditado popular: **“Antes prevenir do que remediar.”** É como se fosse um médico ou um boticário que não estivesse presente, mas seus conselhos e orientações levam o povo não só a curar seus males, como, principalmente, a evitá-los.

01. A doença num minuto vem; para ir embora levam cem.
02. Ao feito, remédio; ao por fazer, conselho.
03. Ao médico e ao abade, fale-se sempre a verdade.
04. A vida do velho está no calcanhar.
05. Boa vida mora em prato raso.
06. Casa em que não entra o sol, entra o médico.
07. De quedas e cegas, estão as sepulturas cheias.
08. Deus é que sara, e o médico é que leva o dinheiro.
09. Em casa de paridas e doentes, o assento não esquentes.
10. Males de nossos avós: quem os fez foram eles, quem os paga somos nós.
11. Médico velho, cirurgião moço, boticário coxo.
12. No mundo só há duas coisas certas: a morte e as despesas que a acompanham.
13. O são ao doente, em regra, mente.
14. Pela cura, vai muita gente pra sepultura.
15. Pior é a recaída que a doença.
16. Quem tem doença, abra a bolsa e tenha paciência.
17. Quem vive na taberna, morre no hospital.
18. São as tripas que levam os pés, não os pés as tripas.
19. Sempre nos machucamos onde nos dói.
20. Se queres que teu olho sare, coça-o com o cotovelo.
21. Sopa de hoje, pão de ontem, vinho de outro verão fazem o homem sãos.
22. Só uma porta a vida tem, enquanto a morte tem cem.
23. Usa cama de frade e mesa de pobre, terás saúde que farte e alegria que sobre.
24. Você cava a sua sepultura com os seus dentes.

Antônio Henrique Weitzel

Jubileu de Cemitério do Peixe

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Aos domingos almoço com a família e, sempre, aproveito para uma conversa agradável com minhas netas: Luisa, com 16 e Carol, com 11 anos. Política e economia, não! Isto é conversa para adultos. Avós e netos falam de história. Era o primeiro domingo de agosto, Carol expôs sua dúvida: — Minha mãe está planejando participar de cavalgada de Gouveia até ao Peixe. O senhor, meu avô, pode me explicar o que é o Peixe?

Assim, provocado com a questão apresentada por Carol e, até satisfeito com a oportunidade, contei a história:

Era o dia 12 de agosto, não me lembro do ano, 1945, talvez 1946, mas podia, também, ser 1944. O dia era 12 de agosto,

tenho certeza, porque o Jubileu de Cemitério do Peixe, naquela época, iniciava no dia 10 e terminava, impreterivelmente, no dia 15. Durante os primeiros dias, muita arrumação e pouca gente. O movimento de romeiros era mesmo a partir do dia 13.

Em Camilinho, comunidade próxima ao Cemitério do Peixe, altitude elevada, noite fria, manhã com intenso nevoeiro que o sol, aos poucos, ia fazendo evaporar. Nevoeiro dissipado, seguia o sol agradavelmente morno, o céu de azul intenso e as gentes animadas com a proximidade da celebração no Cemitério do Peixe. Naquela comunidade não havia mais do que sete residências, todas da mesma família. Em uma delas residia Maria Luiza, casada com Antônio Augusto, mais conhecido como Tonico. O casal tinha sete filhos, o mais velho Edson, com onze anos, aproximadamente. Depois, seguiam Jadir, Milton, Laudelino, Diva, Manoel Luiz e Valdir. Era uma escadinha. O casal planejou a formação da família de tal sorte que a cada ano chegava mais um.

Naquele dia 12 de agosto, Maria Luiza – de natureza agitada – estava mais ansiosa do que o normal. Muitas tarefas por fazer. Logo de manhã, ela, com os dois pés no pedal da máquina de costura, fazia com que a velha Singer zoasse como uma zorra. Terminava a camisa para Edson, pregou uma manga, pregou a outra. Gritou por Maria Guedes: moçoila, ainda adolescente, ali, pau para toda obra.

— Menina! Prega os botões nesta camisa, estão na gaveta da máquina.



Artigos

Maria Luiza deu a ordem e saiu apressada até a venda de Tonico, contígua à residência, perguntou ansiosa:
—Antônio, e os cavalos?

Tonico, tranquilo – dizem que os oponentos se atraem.

—Não se preocupe Luiza, está tudo arrumado!

—Arrumado como? Insistiu a mulher.

—Eu vou no meu baio, o Raião e levo um menino na garupa; você vai no alazão, o Tira-gosto e leva outro menino; os cinco restantes vamos dividir em dois cavalos: um cavalo com dois, outro com três, detalhou Tonico.

—Antônio, nós só temos três cavalos, você se esqueceu?

—Calma Luiza, eu já conversei com compadre João Baiano, ele vai nos mandar, amanhã cedo; um cavalo com sela e dois burros com cangalha para transportar a mudança.

—Antônio, compadre João vai, com a família, também, amanhã. Como ele pode emprestar os animais?

—Ora Luiza, quantos cavalos ele tem!? Além disso, a mudança dele vai em carro de bois.

Um problema a menos, disse Luiza e completou:

—Ainda tenho que fazer uma calça comprida para Jadir, ele tem apenas calças curtas e no Peixe faz muito frio durante a noite!

Colocou a peça de brim cáqui sobre o balcão, mediu e cortou o necessário para a confecção da calça, escolheu botões e carretel de linha, da mesma cor do tecido e voltou, apressada, para a sala de costura. Abriu o tecido sobre a mesa, sobre ele, a calça de Jadir servindo de modelo, tesoura em punho e novas ordens para Maria Guedes:

—Você vai ao rancho de tropas de compadre João e me traga dois balaios grandes. Chama Edson para lhe ajudar.

—Edson se juntou a uma chusma de meninos e foi tomar banho no córrego, informou Maria Guedes.

Luiza não se perturbou:

—Leva Jadir, eu o vi batendo bola no campinho da escola. Não entra no rancho sem antes pedir autorização ao compadre, ou à comadre Zenilia no caso de não o encontrar. E mais, vou cuspir no chão. Você deve estar aqui antes de o cuspe secar! Vai! Vai!

Pouco depois, os balaios foram colocados em um canto da cozinha e, novas ordens foram dadas por Maria Luiza:

—Jadir, venha aqui para medir o comprimento de sua calça!

—Maria Guedes, tira, da gaveta da máquina, os saquinhos que fiz, aproveitando a toalha de mesa que Arlinda queimou com ferro de engomar. Leva-os até a venda e encha cada um deles com feijão, arroz, macarrão picadinho, batatas, fubá, farinha de mandioca. Coloque tudo sobre a mesa da cozinha. Traga, também, duas rapaduras, e cerca de dois quilos de toucinho. Peça a Julinho para lhe ajudar.

Durante o dia inteiro, aquela mesma correria, a mesma tensão nervosa; não se podia esquecer nada, na cozinha de-

via-se lembrar de tudo: panelas, copos e canecas, bule, chaleira e mais, sal, alho, pimenta, manteiga e queijo. O abate e preparo de, pelo menos, dois frangos, temperados e embalados em latas. Ah! Ovos, embalados em palha de milho. Um saco de frutas: laranjas, limões, bananas! Algumas verduras: mamão verde, chuchu, abóbora... Doces? Sim, em compota, naqueles vidros de boca larga, e cristalizados. Sem esquecer as latas de quitandas, assadas no dia anterior, as havia de goma, de fubá e de trigo. Ah, meu Deus! É tanta coisa! A lata com carne de porco conservada em gordura. Devo lembrar Arlinda de torrar e moer o café. E as roupas! de cama, de banho, de uso pessoal. Estas, separadas em montes, classificado por pessoa: de adultos, de crianças, desde Edson a Valdir. Eram vistoriadas, peça por peça, pela atenta Maria Luiza. E ela, então, cerzia meias, pregava botões, costurava bainhas de calças, limpava os sapatos, mandava rebater pregos de alguns, enquanto, dava ordens à Maria Guedes, à Arlinda – a cozinheira, ao Julinho – auxiliar de Tonico, na venda de secos e molhados –, que ela requisitara para ajudá-la.

Ainda havia muito que fazer. Mas, agora, quatro da tarde, era hora de dar banho na meninada, antes que esfriasse. Cada um devia se cuidar, a partir do banho, já deviam se considerar prontos para a viagem do dia seguinte. Não teriam outra roupa e ninguém, ninguém mesmo, viajaria com roupa suja. Trocava a roupa? Perguntou Laudelino, o mais traquinas. Não! Respondeu Luiza, ficaria tomando conta da casa.

Naquela noite todos dormiram tarde, os adultos envolvidos com os preparos da mudança. As crianças excitadas não conseguiam dormir.

No dia 13, o grande dia, lá pelas oito da manhã, tudo pronto para iniciar a ida para o Peixe. Os dois burros já prontos, com as cargas arrumadas como possível, apresentavam forma estranha, tal o volume de colchões, travesseiros e trouxas de roupas colocadas sobre as cangalhas. Por cima de tudo o couro de boi dobrado ao meio, toda a carga amarrada com a sobrecarga e arrochada com o cambito. No cambito pendurava-se um balde grande para, durante a travessia, levar água do rio Paraúna para beber e preparar o primeiro café.

Tonico com terno de gabardine caqui, lenço de seda no pescoço com as pontas unidas em um argolão com cabeça de boi, chapéu, polaina e espora, montava o Raião, cavalo muito alto. Julinho levantou Manoel Luiz e fez com que ele se enganchasse na garupa de Tonico. Maria Luiza, como sempre, muito elegante vestindo a clássica saia de montar, cavalgava o Tita-gosto, cavalo desinquieto, controlado com dificuldade pela amazonas, enquanto ela tentava içar Diva para a garupa. Diva com o pé esquerdo no estribo procurava se erguer, ajudada pela mãe, que tinha a esquerda livre, enquanto controlava, com a direita, o fogoso animal.

Artigos

Jadir, já montado, ajudava Milton a se erguer para alcançar a garupa e Edson fazia o mesmo com Laudelino. Cada qual envolvido com sua função e superando as dificuldades,



exceto Valdir, o menor, chorando sobre a calçada, pensando estar sendo esquecido. Não! Não estava. Julinho o colocou, com cuidado e carinho, bem à frente dos arreios, sentado num travesseiro, sobre o cavalo conduzido por Edson.

A comitiva partiu de Camilinho, cavaleiros à frente, em fila indiana, era o que a trilha permitia, sob o comando de Tonico; seguidos pela tropa de cargas, comandada por Julinho, na companhia de Maria Guedes e Arlinda. Seguiram pelo pasto do Córrego Seco, atravessaram o córrego Sepultura na passagem de João Moreira, depois o Bom Será e o pasto do Pau d'Arco, onde Tonico, orgulhoso, mostrou algumas bezerras de sua propriedade, ele era arrendatário daquele pasto. As crianças observavam e saboreavam cada pedaço de chão, desde os Paus d'Arco (Ipê) com a intensa floração amarela, as comitivas que vinham pelas estradas, todas convergindo para o Peixe, as subidas íngremes, nas passagens de córregos, fazendo os da garupa escorregarem para trás. Em seguida a casa de Rita Vieira, passagem sobre uma ponta de serra e, finalmente, as várzeas na margem do Rio Paraúna, de onde já se avistava o Cemitério do Peixe. Algumas crianças, durante a travessia do rio, aparentemente largo, assustavam-se a princípio, mas logo, se acalmavam quando viam tanta gente atravessando, a cavalo e a pé; muitas delas crianças.

CARRANCA PÁGINA 24

Finalmente, pararam à frente da casa da família, bem no largo principal da localidade, à esquerda o cemitério, à frente a capela de São Miguel. A casa de João Baiano de um lado e a de Guilherme – irmão de Tonico –, do outro. Uns apearam, outros esperavam por ajuda, mas todos com as pernas meio que adormecidas caminhavam tropeadamente, depois da longa cavalgada. Já dentro de casa, frustração geral, as crianças paralisadas observavam a casa. Do ponto central da sala via-se toda a residência, não havia portas, eram vãos nas paredes onde seriam colocadas cortinas de pano. Sala pequena, cozinha menor ainda, o quarto menor era do casal e o outro, pouco maior, receberia toda a criança, afinal eram apenas sete. Camas? Não, não havia camas. Quatro estacas fincadas no piso de terra batida, com pontas em forquilha, suportavam as travessas de madeira roliça e por sobre elas as tábuas. Em outra lateral, com igual estrutura, mas com madeira roliça substituindo as tábuas. Palhas de milho, que enchiam os colchões, não raro, se juntavam com movimentos do usuário resultando um belo sono sobre a tábua dura. Na sala outro jirau – cama com madeira roliça –, que servia de assento e, à noite tornava-se cama extra. Junto à outra parede uma tabua apoiada sobre dois adobes a guisa de banco e mais dois ou três banquinhos individuais, conhecidos como tamboretes. Na cozinha, fogão a lenha muito baixo, com trempe de três bocas, construído com adobe, caiado recentemente, ainda com cheiro de cal; estante velha com três prateleiras; velho pote de cerâmica, daqueles feitos por Genesco, sobre prateleira de pedra encrustada na parede; sobre o piso, de terra batida, um tanto irregular, seria aberto o couro e nele dormiriam Maria Guedes e Arlinda. Julinho deveria retornar no mesmo dia, com a tropa. A porta da cozinha dava para pequeno pátio, murado, tendo ao canto a fossa seca, sem porta. O uso da fossa demandava o vigia que cercava, na porta da cozinha, quem quisesse passar ao pátio, enquanto a fossa estivesse sendo usada.

—Vô, isto é masoquismo! Exclama minha neta Luisa.

—Lu, o que é masoquismo? Interfere, de pronto, minha neta Carol.

Eu sorrindo, satisfeito, afinal minhas netas estavam atentas à minha lenga-lenga. Adianto à Lu, para responder ao questionamento de Carol: masoquismo, por extensão, é satisfação mesmo com sofrimento. Veja Carol as senhoras e moças que usam sapato com salto-alto, sentem dores nos pés, nas pernas e na coluna, mesmo assim, estão felizes com a elegância que lhes proporciona aquele sacrifício.

O torpor inicial das crianças, o susto com as condições da moradia, passou logo, tomaram água, comeram quitandas, enquanto não saia o almoço de Arlinda e saíram para a rua. Aliás, a porta principal aberta, a entrada e saída de vizinhos que traziam café, quitandas e, principalmente, a oferta de ajuda. Ambiente descontraído, crianças entravam e saiam,

Artigos

praticamente, não havia o que separar entre rua e residência.

As crianças observavam tanta coisa diferente: dois cegos cantavam na esquina, cântico acompanhado de maraca, pediam e agradeciam as esmolas; peão de boiadeiro, em plena praça, fazia demonstração com o burro treinado por ele, o animal deitava, fingia de morto, sentava ...; mas à frente, na famosa: Rua do Fogo, botecos improvisados onde se vendiam guaraná, refresco de groselha, balas pirulitos e doces secos ou em pastas; Mais adiante um boteco chamou a atenção, ali, as novidades, vindas da cidade grande: bijuterias variadas, facas tipo curvelanas, canivetes tipo suíço, gaitas de boca, bonecas, tinha de tudo e muito mais. Aos gritos os vendedores procuravam atrair compradores. Frases de efeito: "È aqui/ não é lá/ aqui tem cheiro de moça/ lá tem catinga de gambá." Pouco acima da Rua do Fogo, área gramada, muitas barracas, simples peças de pano sobre uma travessa de madeira, abertas na frente e atrás. À frente de cada barraca um fogão a lenha improvisado sobre algumas pedras; àquela hora faziam-se o almoço. Pouco mais acima uma roda de curiosos, ao centro o sanfoneiro puxava o fole da sanfona oito baixos, conhecida como Pé-de-bode.

Soa forte a voz do padre, vinda do megafone, à frente da capela, divulgando a programação da tarde: às 3 horas catecismo, na sombra do Pau d'Óleo; às 7 horas terço seguido pelo Ofício de Nossa Senhora, a qualquer hora, depois das 2, atendemos às confissões. Amanhã haverá batizados e casamentos. Assim era, para as crianças, a celebração do jubileu. Os jovens cuidavam de iniciar namoro que, muitas vezes, terminava em casamento, no jubileu do ano seguinte e, mais um ano, trazia-se o filho para o batismo. No Cemitério do Peixe, durante o Jubileu anual, a Igreja ministrava os sacramentos, tanto porque contatos com padres, no meio rural, não eram frequentes e, as pessoas com muita fé na proteção de São Miguel e Almas, davam preferência para casamentos, batizados, confissões... ali, no Peixe. Não muito distante, na várzea, muitas barracas, muitos tropeiros arranchados. Vinham de Córregos, de Tapera e de Ouro Fino traziam café e muares. Da região do Rio Cipó, Fechados, Ponte do Paraúna traziam rapadura e toucinho. O comércio era intenso. A moeda, estável, permitia vendas para pagamentos no próximo ano ali no Peixe.

O Jubileu de Cemitério do Peixe era uma unidade do calendário. Casamentos e até pagamentos eram realizados no próximo jubileu. Batizados nos seguintes.

— Vô, exclamou Carol, agora entendi o que significa Peixe, mas o senhor está focado no passado, década de quarenta. O que acontece atualmente?



Muitas mudanças na infraestrutura: energia elétrica, água encanada, estradas de rodagem, pontes sobre os rios, mais facilidade no transporte, carros particulares e coletivos, veículos de passageiros e de cargas. A oferta de produtos industriais, tais como barracas e outros apetrechos de camping, alimentos semi-preparados. Consequências positivas: mais recursos materiais, mais conforto, mais rapidez, mais divulgação. Consequências negativas: mais gente do que comporta a área física que não foi expandida, estacionamentos de veículos de forma inadequada dificultando a movimentação das pessoas, uso indevido de sons automotivos, individualismo prevalecendo sobre o coletivo, mais lixo, mais poeira, mais irresponsabilidade e mais agressão aos direitos individuais. O aspecto, quase familiar,

do Peixe antigo não existe, atualmente. Com a facilidade de transporte as pessoas vêm e vão, no mesmo dia, assim não cuidam das pequenas casinhas, muitas delas deteriorando com o tempo. Não há interesse em investir na melhoria de residências, mesmo porque não há proteção do patrimônio durante os intervalos entre jubileus. A coisa funciona como os grandes ninhais de aves, no Pantanal de Mato Grosso, é mais fácil tirar o graveto do ninho do pássaro vizinho do que ir apanhá-lo mais longe.

O Cemitério do Peixe, na divisão administrativa, pertence ao município de Conceição do Mato Dentro; na divisão religiosa, pertence à paróquia de Santo Antônio de Gouveia. Atualmente está muito divulgado. Há diversos artigos publicados em jornais e sites eletrônicos das cidades vizinhas. Programas televisivos como Globo Rural e Programa do Faustão, ambos da rede Globo, apresentaram matéria sobre o lugarejo. Instituições ligadas ao turismo, praticantes de esporte de trilhas, artistas visuais divulgam, estimulam, realizam visitas, fazem ocupações. Da mesma forma pessoas e instituições interessadas em pesquisa histórica e folclore realizam estudos e registram os saberes.

As Cavalgadas constituem outra diferença em relação ao passado. Cavalgava-se por necessidade, era a forma de transporte disponível, para pessoas e para cargas. Agora, cavalga-se por esporte. Cavalgada é um esporte, não há competição, cada um monta seu cavalo e o põe a andar junto com muitos outros. A cavalgada sempre tem um ponto de origem, onde os cavaleiros e amazonas se juntam, um percurso definido e um destino. No caso o destino é o Cemitério do Peixe, as origens são muitas: Fechados, Vila Alexandre, Gouveia, Congonhas do Norte e outras. Percurso relativamente curtos, apenas um dia de viagem. Há cavalgadas com percursos maiores: Capitão Felizardo a Con-

Artigos

ceição do Mato Dentro, dois dias de viagem. Brasília a Diamantina, percurso de vários dias.

— Vô! Interfere a neta Luisa, Como começou tudo isto? No ano de 1915, mês de agosto, o senhor Antônio Francisco Pinto terminou, na localidade, a construção da capela, definiu como patronos São Miguel e Almas e fez a doação dela para a Arquidiocese de Diamantina. Ao mesmo tempo em que doava para São Miguel e Almas o terreno no entorno da capela. O terreno media área suficiente para a construção de casas dos romeiros e ainda para pastos das tropas deles. Deu-se então inicio ao Jubileu de Cemitério do Peixe, celebrado pelos padres Redentoristas do Santuário de São Geraldo, em Curvelo. Neste ano de 2015 celebrar-se-á o centenário do Jubileu. .

Antônio Francisco Pinto, conhecido como Canequinho, natural de Camilinho, filho de Antônio Francisco Pinto Mundéo e irmão de Manoel Pinto de Miranda, conhecido como Niquinho Miranda. Sô Niquinho, como era chamado, é avô deste articulista e, portanto tri-avô de vocês duas. O Canequinho era proprietário da Fazenda Vassalo e as terras doadas faziam parte dela.

A Fazenda Vassalo era muito grande, em área, então por que construir a capela exatamente naquele local? Esta questão é difícil de responder, ainda não se fez a necessária pesquisa histórica. A falta de informação permitiu gerar muitas lendas a respeito. Eu gosto da explicação seguinte: Descobriram-se diamantes no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, lá pelos anos 1730. A coroa portuguesa, antevendo a imensa riqueza que os diamantes poderiam proporcionar, tratou de assegurar o monopólio da extração. Criou a Intendência dos Diamantes. Estabeleceu a forma de produção, através do Contratador de Diamantes, único responsável pela lavoura, pagando certa quantia por cada escravo colocado a trabalhar. Delimitou a área que recebeu a denominação de

Distrito Diamantino, regida por leis específicas sob a responsabilidade do Intendente. O monopólio estimulou o contrabando e, para combatê-lo, a autoridade usou a força policial e formou destacamentos acantonados em pontos específicos do Distrito Diamantino. Os locais escolhidos foram denominados quartéis. Havia um deles na parte norte do Distrito, nas nascentes do Rio Pardo Grande, no divisor de águas da bacia do Rio São Francisco e a bacia do Rio Jequitinhonha. Havia outro na Contagem do Galheiro, a cerca de 4 quilômetros a oeste de Camilinho. Um terceiro quartel situado na margem esquerda do Rio Paraúna, antes das corredeiras, a cerca de 10 quilômetros da foz do Rio Paraúna de Areia, mais tarde, denominado Quartel do Peixe. Os policiais permaneciam, até certo ponto, isolados naqueles quartéis, sem estradas, sem comunicação, possivelmente tendo que providenciar o próprio sustento através da caça e da pesca. Carnes são facilmente perecíveis. Sal, certamente, escasso ou mesmo inexistente. Um soldado morreu depois de ingerir peixe estragado, é o que conta a lenda e foi sepultado ali mesmo no local. Daí, o Cemitério onde foi sepultado o soldado que ingeriu peixe estragado, foi simplificado para Cemitério do Peixe. Neste local, Canequinho construiu a Capela de São Miguel, cercou o cemitério e doou as terras para que nelas cada romeiro construísse sua casa. A rigorosa legislação que regeu a extração de diamantes tornou-se sem efeito quando as lavras exauriram, no inicio do século seguinte, antes da Independência. Quanto tempo o Quartel do Peixe permaneceu ativo? Não se sabe. É área de terreno inóspita, pouco habitada, muita serra, pouca fertilidade, mesmo assim, é possível que o cercado, onde já havia uma pessoa sepultada, fosse usado por outros, no decorrer dos quase cem anos antes da intervenção de Canequinho.



Artigos

Contos populares e o herói

Antônio de Paiva Moura

Nos contos recuperados pelos irmãos Grimm havia um valor educativo implícito nos seus enredos. O Romantismo fez transparecer um sentido mais humanitário nas artes de um modo geral. Os contos recuperados e divulgados pelos irmãos Grimm fazem emergir a solidariedade e a estima entre as pessoas. Exemplos dessas qualidades são os contos “Chapeuzinho Vermelho” e “Joãozinho e Maria” que celebram a vitória das crianças sobre os adultos interesseiros e malfazejos. São contrapontos da valorização do herói maquiavélico e dos cavaleiros nobres

Em Minas, não se sabe por qual motivo, os contos populares tiveram maior difusão somente na segunda metade do século XIX. Na estatística oficial de 1872, apenas 5% da população era alfabetizada. Um número limitado de pessoas tinha acesso a livros ou jornais. Curioso, portanto, como as fábulas de La Fontaine (1621-1695) e os contos dos irmãos Grimm, do começo do século XIX, se difundiram de forma oral. Toda família tinha um contador de histórias ou contador de casos. Como observa Alceu de Amoroso Lima nos idos de 1940, o mineiro era um bom contador de histórias e de casos engraçados. Fica observando os amigos e depois, em sua ausência, em roda de outros amigos, conta fatos ocorridos, sempre com muito humor. Os narradores de contos populares procuram prender a atenção do ouvinte. A história contada pelo pai ou pelo avô a uma criança tem um efeito emocional diferente do reproduzido na forma cinematográfica ou televisionada.

Circula por Minas Gerais o conto *Joãozinho e Maria*, recuperado na Alemanha pelos irmãos Grimm. Um casal tinha tantos filhos que resolveu descartar em uma floresta os irmãos João e Maria. Depois de muito andarem, encontraram a casa de uma velha, da qual furtavam bolinhos. Um dia a velha descobriu o furto e os colocou em um quarto fechado e ali ficariam até que engordassem. [...] Para mostrar que ainda estavam magros, enfiavam pelo buraco da fechadura o rabo de uma lagartixa. No dia que a velha resolveu comê-los depois de cozidos em taxa de água fervendo, uma voz os avisou e os instruiu no sentido de empurrarem a velha para dentro da taxa. O restante deste conto é bastante longo e é pouco conhecido. Da cabeça da velha saíram três grandes cães que passaram proteger Joãozinho e Maria.

Em maio de 2008, o Dr. Carlos Alberto Correa Salles, coordenador do curso de pós-graduação de formação de analistas do Instituto Jung MG, professor Antonio de Paiva Moura e as alunas Rosângela Anselmo Polido Lopes e Soraia Dias Ferreira entrevistaram o lavrador Manoel Fernandes Souza, de 80 anos de idade, morador em Santo Antonio da Vargem Alegre, município de Bonfim. O Dr.

Carlos Alberto perguntou ao lavrador se ele, ao longo de sua vida, teve muito medo ao enfrentar a natureza e sobre suas crenças para enfrentá-la. Manoel respondeu que tinha muito medo de serpentes e havia sido picado por uma cascavel. A partir daí, sempre que entrava no mato fazia uma oração e pedia proteção a Deus. Disse que o perigo está em toda parte e não só no mato.

Com muita espontaneidade Manoel narrou o conto enigmático de origem portuguesa, conhecido como “**O matuto João**”. Esse conto é conhecido em todo o país, transmitido pela tradição oral. No século XIX Silvio Romero o encontrou e o registrou no Nordeste. O personagem João era analfabeto, mas ouvia com atenção as coisas que o pai lhe falava. João era muito pobre. Por isso, certo dia resolveu sair pelo mundo para tentar a sorte. Depois de muito andar deparou-se com um palácio real, onde morava uma princesa muito sábia que decifrava todos os enigmas a ela formulados. A sábia princesa se casaria com quem lhe fizesse um enigma que ela não conseguisse decifrar. O matuto João apresentou à princesa o seguinte enigma:

*Sai de casa com massa e pita:
A massa matou pita.
A pita matou três.
Os três mataram sete.
Das sete escolhi a melhor.
Atirei no que vi e matei o que não vi.
Com madeira santa assei e comi;
Bebi água sem ser do céu e nem da terra.
Vi o morto carregando os vivos.
O que o homem não sabe sabia o jumento.*

Antes de sair de casa sua mãe havia lhe preparado um grande pão envenenado. Antes de comê-lo deu um pedaço à cachorra Pita que em seguida morreu. Três urubus comeram a cachorra e morreram. João pegou os três urubus e seguiu viagem. Em uma estalagem encontrou sete homens famintos e armados com sete espingardas. Os homens os tomaram de João; comeram as aves envenenadas e morreram. João escolheu a melhor espingarda entre as sete e seguiu. Muito cansado, sentou-se à sombra de uma árvore e viu próximo a uma moita de capim um nhambu. Atirou no pássaro, mas errou. O tiro havia acertado em uma pomba que estava mais adiante e à qual não havia visto. Não havendo lenha para assar a pomba, João tirou uma lasca em uma cruz e com ela fez o fogo. Como tinha sede e não havia água, pegou um cavalo e nele galopou até fazê-lo suar muito. João aparou com uma cuité o suor do cavalo e bebeu. Seguiu viagem e viu uma caveira que falava e um jumento que cavava para encontrar um tesouro enterrado. Como a princesa não decifrou o enigma, aceitou casar-se com o matuto.

O conto *Joãozinho e Florisbela*, colhido por Angélica de Resende em 1920, na fazenda Contendas em Moeda. Um jovem de nome João, de família pobre que vivia como agregado na Fazenda Contendas, em Moeda, saiu de casa em busca de uma ocupação. Andando pelas

Artigos

estradas encontrou-se com um jovem senhor muito bem vestido, montado em um cavalo de raça, ricamente ornado com objetos de ouro e prata. O cavaleiro ofereceu a Joãozinho um emprego em sua luxuosa fazenda. João não sabia que o cavaleiro era o demônio e aceitou a oferta. Em seguida o cavaleiro passou a Joãozinho tarefas impossíveis de serem cumpridas. Como Joãozinho não dava conta das tarefas, o cavaleiro planejou matá-lo determinando que montasse em um cavalo indomável. Mas, em tempo, Florisbela, filha do cavaleiro encantado, avisou Joãozinho da trama do pai e todos os demais segredos. Depois de muitos acontecimentos fantásticos, Joãozinho e Florisbela conseguiram fugir. (REZENDE, 1968: 148) – Como diz o senhor Manuel, o perigo estava em toda parte, Para Joãozinho e Florisbela o perigo estava dentro de casa. Por serem boas pessoas, obtiveram ajuda de um ser superior para se escaparem.

Esses dois contos se originam do imaginário coletivo que fornece o enredo, os personagens, as circunstâncias e o significado de seus desfechos; busca do saber viver, ou de desenvolvimento da vida mental.

Na teoria de Josephe Campbell, tão bem exposta por Solange Missagia de Mattos (2013) p.46, no qual todo ser humano é chamado para uma jornada heróica, pois há sempre uma proeza física ou psíquica que o desafia. Nesse chamado lhe é apresentado um caminho ou uma meta a ser cumprida, dita jornada do herói. Ainda segundo Mattos, a jornada do herói se constitui de quatro etapas: o chamado, a iniciação, a travessia, a apoteose o retorno.

No caso Matuto João, o chamado é o imperativo de ter uma vida melhor; mudar de vida. Aceitar ou optar por esse chamado é uma das coisas mais difíceis. Diante dos desafios da vida, os indivíduos são incentivados a vencê-los, tomando atitudes novas. Para não sair da comodidade, alimentada por velhos costumes; pelo medo de enfrentar novas situações é que a tendência a negar o chamado é muito grande. O grande medo que leva o convidado a vacilar no enfrentamento dos obstáculos é ir para uma região desconhecida.

Todo ser humano tem algo a contar de sua jornada heróica. O que é mais significativo no conto do Matuto João é que ele foi bastante aventureiro e criativo nas suas decisões. Primeiramente a fome e a falta de alimentos. O sucesso na primeira tentativa, ao adquirir a espingarda fez João acreditar que não estava só; que algo invisível o acompanhava e que lhe dava sorte. *A pita matou três. Os três mataram sete. Das sete escolhi a melhor.* A tira i no que vi e matei o que não vi. Tudo isso contribuiu para que o Matuto João seguisse em frente, em busca da apoteose. Os sentimentos de solidão e de impotência são fortes motivos pelos quais os indivíduos são levados a recusarem o chamado ou desistirem de prosseguir a jornada. Campbell, conforme Mattos, fala da impotência em abandonar o ego infantil, com sua esfera de relacionamento e idéias emocionais, indicando dificuldade do herói em responder ao chamado. A acomodação nas situa-

ções do passado provoca a imobilidade e permanência da convivência com os problemas pessoais.

O animal se refletisse sobre a questão de seguir seus instintos diria: “Não tenho escolha”. Os homens, ao explicarem porque obedecem aos imperativos institucionais, dizem o mesmo. A diferença é que o animal estaria dizendo a verdade e os homens estão se iludindo. Na verdade, eles podem dizer “não” à sociedade e “não” aos tabus e falsas concepções que lhes oprimem. Poderá haver situações desagradáveis se decidirem por esse rumo. Jean-Paul Sartre chamou de “má-fé” o não tomar atitude no sentido de mudar de comportamento, com medo de sofrer a consequência, de sair da comodidade em que se encontra. A mulher que se prostitui e diz que não tem outra alternativa, age de má-fé contra si mesma. O bandido que mata e diz que não tinha outra saída, pois a quadrilha poderia matá-lo, age de má-fé, porque a opção de permanecer na quadrilha é sua.

No conto, João Matuto estava diante de uma cruz e não havia lenha para ele fazer o fogo. A cruz é um símbolo sagrado e inatacável. Diante desse impasse, João Matuto, mesmo contra sua vontade tirou um pedaço da cruz, simbolizando o quanto é doloroso tomar atitudes. *Com madeira santa assei e comi; bebi água sem ser do céu e da terra.*

Segundo Jung (1993) o mito universal do herói refere-se sempre a um homem-deus poderoso e possante, que vence o mal, apresentado em forma de dragão, serpente, monstros e demônios. A narração da figura e do feito do herói exalta ou conclama o indivíduo a identificar-se com o mesmo e libertar-se da sua impotência e da sua miséria. É por essa função de arrancar o indivíduo de sua acomodação que o conto popular atravessa séculos e séculos e sobrevive como arquétipo coletivo. O conto popular tem uma função pedagógica ao falar da jornada do herói e falar do despertar da consciência, para que o ego torne-se independente e para que o indivíduo tome iniciativa de fuga da situação embaraçosa em que se encontra.

Referências bibliográficas

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos.* Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MATTOS, Solange Missagia de. *Simbolismo do herói: uma abordagem sobre a ciência do imaginário.* Curitiba PR, CRV, 2013.

ROMERO, Sílvio. *Folclore Brasileiro: contos populares do Brasil.* [1885]. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.

REZENDE. Angélica de. *Nossos avós contavam e cantavam.* Belo Horizonte: Sion, 1968.

Revisão crítica - Solange Missagia de Mattos

Revisão técnica – João Evangelista de Moura

Ilustração – “João Matuto”, de Aldemir Martins, 1963.

Artigos

Uma Noite Gloriosa: 21 de agosto. A presença de Manoel Ambrósio



Mercês Ambrósio abre a a roda de conversa



Ros'elles faz a apresentação da obra de Manoel Ambrósio



Encontro dos saberes de Januária, Montes Claros, Pirapora, Curvelo, Ibiaí, Pedra Azul, Diamantina, Belo Horizonte e estado do Amapá: isto é Minas e a diversidade do Saber Viver

Lição da Tradição.

A Família de Manoel Ambrósio reuniu na noite do dia 21 de agosto, os netos, os binetos, os tetrabinetos e os estudiosos da Universidade Estadual de Montes Claros e da Universidade Federal do Amapá. Manoel Pai, é um dos fundadores dos estudos do Folclore em Minas Gerais. O Manoel Filho – Nezinho – foi um dos fundadores da Comissão Mineira de Folclore. Agora foi a vez dos netos e bisnetos herdarem a missão de compreender com compaixão o Saber Viver em Minas Gerais.

Uma lição para todos os membros da Comissão Mineira de Folclore.

Vale insistir:

Tradição não é produto. Tradição é processo necessário à vida humana. Lembremos Gabriel Tarde com as Leis da Imitação.

Quer contribuir?

Ajunte-se aos mecenas que nós já somos.

Anotem o número da conta da Comissão

Mineira

de Folclore

Banco Itaú - agência 3038

Conta: 01006-6

Artigos

Símpatia e Compaixão: armadilhas da modernidade

Imagino, e tenho repetido frequentemente esse fruto de minha imaginação – que nossos eruditos não se atemorizam ao empregar a expressão “tenho muita simpatia por você”. Dificilmente diriam “em me compadeço **de** você”. Ainda bem. Eu me pergunto, porque a regência nominal de simpatizar pede o uso da preposição “por” e a regência de compadecer exige “de”?

Eu me dei conta de que Compaixão é um dos maiores recursos para o processo de compreensão do outro, quando do falecimento de Ariano Suassuna e dos inúmeros necrológios publicados pela imprensa mobilizada pelo acontecimento.

O Auto da Comadecida tornou-se para mim núcleo de meditação. A epígrafe da peça já dá o tom de que compadecer-se é um conceito estranho à nossa modernidade. Quem se compadece - note-se o verbo depoente-reflexivo – coloca-se no mesmo plano do outro que padece. Não sobe, nem desce, iguala-se no sentimento, e na elaboração do mesmo sentimento. Resulta daí ser excrescência compadecer-se **de**. Há que dizer compadecer-se **com**, replicando o **com** do **padecer**.

Manoel Ambrósio é mestre de explicitar da linguagem popular o emprego reforçado de pleonasmo visto como vícios de linguagem pelos eruditos:

“Foi-me perciso sahi; mas porem, eu stava dizeno assim, era pruque eu stava percurando n’alma de la dent’o do meu sacco tinha ó ménō um lenço engomado. Sahimo e encontremo logo o home do Cunsilhêro da Matta Machado, que me levou-me n’uma muraria... aquele murãozão...aquele muro grande, aquele grandó, c’uma jinella e uma porta, uma jinella e uma porta uma Jinella e uma porta, até não seio aonde, por ali afora.”

Prezado leitor, para se compadecer com este recurso descritivo, leia e repita a leitura. Leia e

repita a leitura, até você se colocar no plano do saber do matuto. Haja saber nessa narrativa descritiva; “mas porém”; “me levou-me”; “muraria, murãozão, muro grande, grandó”; e as janelas. Você moderninho diria, “muitas janelas, contei oito...” o matuto dá o sabor de quem conta diferente: “c’uma jinella e uma porta, uma jinella e uma porta uma Jinella e uma porta, até não seio aonde, por ali afora”.

Padecer não é **sofrer** como se entende, é ser **afetado**. Viver a situações que nos despertam para o afeto.

O **pathos** helênico que gera a raiz **pad** latina, insiste no pad como padecer, passivo... Pathos tem a ver com o contexto do trágico. Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, o que é o trágico? Trágico deriva de “bode”. Trágico trás à tona o canto que se entoa na imolação do bode nas festas dionisíacas. As bacanais. O bode sacrificial. O que é um sacrifício? É viver o afeto ao ingressar no reino mágico do destino determinado pela divindade.

Na trajetória cristã, o padecimento de Cristo se tornou símbolo do sofrimento. Nietzsche - *Anti-Cristo* - apreendeu melhor o fundo do sacrifício e se refere ao Cristo como o “Alegre mensageiro” Ele soube padecer os afetos humanos compadecendo-se. Riu da morte. Riu do medo dos homens mortais.

Nós que nos identificamos com o saber popular nos compadecemos, e nos simpatizamos com as pessoas e todos os seus saberes que revelam nossa ignorância.

O que eu sei, você não sabe; o que você sabe eu não sei. É neesse campo que a compaixão opera a compreensão.

Não há lugar para o estranhamento tão necessário para fazer a guerra e impor condições à paz. Menos ainda para a tolerância, único lugar reservado para se viver em paz em meio à diversidade criada pela rendição dos vencidos.

José Moreira de Souza

Artigos



Menino Passarinho inspira a mensagem da 49ª Semana Mineira de Folclore

Escolhemos como mensagem para palestrar com nossos companheiros uma das esculturas de Marquinhos, menino de Curvelo que deixou um legado permanente para o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento imaginado e criado por nosso companheiro Tião Rocha.

Marquinhos foi o “menino passarinho”, voou, voou, e continua voando mais alto ainda, quando em 2013 partiu em ascensão definitiva aos 37 anos.

Tião escolheu o menino passarinho como símbolo para celebrar os 30 anos de criação do CPCD e do projeto Dedo de Gente.

Sem recursos o XVII Congresso Brasileiro de Folclore foi adiado para julho de 2016 - Campus da UFMG

Agradecimentos:



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL Número 03-15 – julho- setembrp2015.

Acessível em www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: Luiz Ferando Vieira Trópia, Luiz Dumont, José Moreira de Souza,

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2014 - 2017

Presidente de Honra: Domingos Diniz

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Míriam Stella Blonski

Secretária: Juliana Correa de Carvalho Garcia

Tesoureiro: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Conselho Fiscal da CMFL

Antônio de Paiva Moura

Edmélia da Conceição de Faria Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia



IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br